

# Camarada Professor!

(Cartas sobre o ensino  
da língua portuguesa em Angola)

1º Bloco: dos ouvidos à boca  
(aprender a ouvir,  
ensinar a falar)

Em mãos

Rem.: Os professores da Comissão de Língua Portuguesa  
Departamento Nacional de Superação  
Direcção Nacional de Formação de Quadros do Ensino  
Ministério da Educação  
República Popular de Angola

## Explicação necessária

Recentemente apresentado como material do 1º Ciclo de Estudos, organizado pela Secção Técnica do Departamento Nacional de Superação com vistas à formação dos seus próprios integrantes, este conjunto de cartas não passa de uma sugestão. A partir daí, poder-se-ia produzir algo parecido, como parte dos materiais destinados à formação pedagógica dos professores do Ensino de Base, em especial os do 1º nível.

Dado o nível coloquial em que estão propositadamente redigidas, essas cartas acham-se pontilhadas de expressões características da variante linguística brasileira. Desnecessário dizer que, se se optar por um aproveitamento deste material, será imprescindível ajustá-lo ao nível coloquial do falar angolano.

Apesar de já terem sido discutidas com os componentes da Comissão de Língua Portuguesa do Departamento Nacional de Superação, é provável que estas cartas mereçam alterações (parciais ou mesmo totais). Os seus destinatários só terão a ganhar com isso. Algumas modificações, aliás, já foram sugeridas durante o 1º Ciclo de Estudos. Ainda não figuram nesta versão por razões puramente técnicas.

Por outro lado, este trabalho constitui apenas um primeiro bloco, consagrado inteiramente à aprendizagem da língua portuguesa em seu nível oral. Se a idéia global vier a ser aprovada, caberia, para o futuro, a realização de um segundo bloco, já voltado para a problemática da aprendizagem da língua a nível escrito.

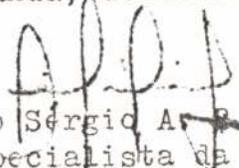
Quanto à distribuição de cartas desse gênero, resta definir a sua inclusão num programa de formação pedagógica dos professores, bem como a sua forma de entrega aos destinatários. Se este material for utilizado, é possível distribuí-lo quer carta por carta, quer em grupos de 2, 3, 4 ou mesmo mais cartas de uma vez, de acordo com as possibilidades encontradas no terreno. O importante é que não se altere a ordem em que vêm apresentadas.

No caso de alguns professores enviarem dúvidas ou questões (tal como é sugerido na carta nº 0), parece-nos que a sugestão mais adequada seria a de se agrupar as questões em função de temas e respondê-las

em bloco. Nessas cartas de resposta poderiam figurar uma ou mais questões consideradas mais representativas entre as que abordassem determinados temas. De qualquer forma, parece-nos importante que essas cartas de resposta possam ser remetidas a todos, e não apenas àqueles que escreveram.

Acrescente-se, por fim, que a responsabilidade científico-pedagógica dos conteúdos presentes neste material recaem integralmente sobre este especialista, que se coloca à inteira disposição para, a qualquer tempo, esclarecer, rever e/ou aprofundar aspectos que suscitem dúvidas ou que pareçam pouco desenvolvidos.

Luanda, dezembro de 1980.

  
Antonio Sérgio A. B. Guimarães  
especialista da Unesco  
em Língua Portuguesa.

## Sumário

(Camárada Professor! - cartas sobre o ensino da língua portuguesa em Angola)

1º bloco: Dos ouvidos à boca. (aprender a ouvir, ensinar a falar)

<u>Carta</u> <u>nº</u>	<u>Conteúdo</u>	<u>Nº de</u> <u>páginas</u>
0	Contacto inicial. Apresentação das cartas.....	3
1	A língua portuguesa em Angola. A questão das línguas ma- ternas. A necessidade de uma língua veicular.....	2
2	A língua portuguesa e a história do colonialismo.....	4
3	A aprendizagem de uma língua materna.....	4
4	A entrada para a escola e a aprendizagem da língua por- tuguesa.....	4
5	Aprender uma segunda língua: quando? há problemas? Como aprendê-la? 1a. sugestão: observação inicial. 2a. suges- tão: situações concretas.....	5
6	3a. sugestão: compreender para poder falar. 4a. suges- tão: a imitação. 5a. sugestão: a motivação.....	4
7	6a. sugestão: o condicionamento.....	3
8	7a. sugestão: paciência! 8a. sugestão: os jogos. 9a. su- gestão: as palavras na frase.....	4
9	Os sons, as palavras, e as combinações de palavras em frases, na língua portuguesa.....	4
10	Os tipos de palavras (classes gramaticais); as frases de base na língua portuguesa.....	6
11	Os tipos de frase: os 4 tipos essenciais e os 3 tipos secundários.....	5
12	A questão do erro: os níveis de língua.....	6
13	A questão do erro: como analisá-lo?.....	4
14	A questão do erro: o que fazer com ele?.....	3
15	Quando o erro resiste... ..	2
16	Problemas e doenças que perturbam a fala.....	7
17	Última carta: a língua portuguesa à maneira angolana...	3
	Total de páginas.....	73

Luanda, abril de 1981.

Camarada Professor do 1º Nível:

Pode dar-nos um pouco da sua atenção a partir de agora? Queremos conversar algum tempo consigo. Este é o primeiro grande esforço que fazemos para entrar em contacto com o camarada. Esperamos que este contacto seja bom para todos - para si e para nós.

Primeiro, queremos apresentar-nos: somos os professores da Comissão de Língua Portuguesa e trabalhamos na Direcção Nacional de Formação de Quadros do Ensino, dentro do Ministério da Educação.

Mas, por falar em trabalho, como vai o seu trabalho, camarada professor? O nosso, apesar de todos os problemas, vai bem. Temos muitas dificuldades (quem não as tem?), mas estamos a fazer o possível para executar as nossas tarefas correctamente.

E os seus estudos, como estão? Conseguiu frequentar a 1<sup>a</sup> etapa da Superação? E o seu tempo? Tem tido tempo suficiente para estudar nas horas vagas?

Pois bem, camarada professor: escrevemos-lhe esta primeira carta com o desejo de que o camarada tome conhecimento do que lhe queremos dizer. Sabemos que você, camarada professor,

- é uma pessoa adulta;
- não teve muitas oportunidades de estudo, mas...
- é um indivíduo que, ao ensinar, procura dividir com as crianças aquilo que aprendeu;
- é um adulto que não quer parar de estudar; quer saber mais, para poder continuar a dividir aquilo que sabe com os nossos miúdos...

Por isso, pela maneira como nós o vemos, camarada professor, é que decidimos dedicar-lhe este trabalho, enviando-lhe esta série de cartas. Nelas, queremos conversar consigo, convidando-o a pensar

naquilo que dizemos para, em seguida, tentar pôr em prática aquilo que lhe sugerimos.

Nós, já o dissemos no início, somos professores de Língua Portuguesa. Somos, portanto, professores, como o camarada. Apenas nós tivemos a oportunidade de estudar um pouco melhor os problemas dos nossos professores, no ensino.

Por isso, reunimos alguns pensamentos sobre o assunto e, hoje, tentamos colaborar consigo no esforço que o camarada faz para superar-se, como estudante e como professor.

Vamos discutir consigo algumas ideias sobre uma questão importante e difícil no nosso país: o problema da língua portuguesa e o problema do ensino dessa língua às nossas crianças.

Uma coisa é certa: não pretendemos de modo algum dizer que já temos a solução do problema. De modo algum. Essa questão é muito complicada, e não pode ser resolvida assim de um momento para o outro. Talvez ainda passem vários anos, até que a comunicação verbal no nosso país possa ser feita sem maiores dificuldades.

Mas o importante para nós, hoje, não é isso. Queremos apenas apresentar algumas ideias e dar-lhe algumas sugestões concretas de como agir em sala de aula, de como enfrentar a questão da língua na sua escola, frente aos seus alunos. Eles estão a aprender a língua portuguesa, e nós temos de ser bons professores para eles. Bons professores de língua portuguesa e bons professores em língua portuguesa.

Evidentemente, essas ideias, essas sugestões não vão apagar todas as suas dúvidas. Nada disso. As nossas sugestões talvez sirvam apenas para o ajudar um pouco na sua tarefa de ensinar. Se o camarada conseguir, com isso, melhorar um pouco o seu trabalho, já estará a prestar um bom serviço ao nosso país, que espera tanto das nossas crianças de hoje, futuros quadros de amanhã.

Se as nossas cartas conseguirem isso, ou seja, uma pequena melhoria no seu trabalho, já ficaremos contentes. Porquê? Porque, nesse caso, já teremos alcançado os nossos actuais objectivos.

Procure ler esta série de cartas com atenção. Verá que temos coisas interessantes para discutir consigo: sobre a língua e sobre os problemas que se tem quando se está a aprendê-la (e, no seu caso, a ensiná-la) como segunda língua. Pedimos-lhe apenas um pouco de confiança no que lhe dissermos.

Se, depois de ter lido as cartas, quiser entrar em contacto connosco, escreva-nos. A nossa direcção é:

Comissão de Língua Portuguesa  
Departamento Nacional de Superação  
Direcção Nacional de Formação de Quadros do Ensino  
Ministério da Educação  
LUANDA

A nossa intenção é mesmo esta: precisamos conhecer-nos melhor:

- você, que trabalha aí directamente com as crianças do nosso país, da Iniciação à 4a. classe; e
- nós, que fomos trazidos ao Ministério da Educação para trabalharmos na preparação de materiais e cursos destinados à sua superação.

Estamos, portanto, à sua inteira disposição. Quando puder, quando quiser, ou quando sentir necessidade de uma palavra nossa de apoio como colegas de profissão, escreva-nos. E conte connosco.

Muito bem, mas agora vamos deixá-lo em paz, para que o camara da possa afinal ler essas cartas que acabam de chegar-lhe às mãos.

Boa leitura, bom trabalho, e até breve.

Cordialmente,

Os professores da  
Comissão de Língua Portuguesa  
do Departamento Nacional de Superação  
DNFQE - Ministério da Educação  
LUANDA

Luanda, abril de 1981.

1<sup>a</sup> carta, pág. 1

Camarada Professor:

Começemos pelo princípio. Ao trabalhar com os seus alunos, o camarada está certamente a utilizar a língua portuguesa. Os seus alunos estão a aprendê-la. Correcto? Mas veja bem: dissemos Língua Portuguesa, pois esse é o nome da matéria. Mas porque Língua Portuguesa, como nome, e não Língua Veicular?

O camarada sabe que, no nosso país, não se fala apenas uma língua. Em todo o território angolano, falam-se várias línguas, mais ou menos diferentes umas das outras. As que são de origem africana nós chamamos de línguas nacionais. Essas línguas, em geral, são faladas como línguas maternas, porque foram aprendidas por primeiro, ainda em casa, quando ainda éramos miúdos.

Isso, aliás, não é novidade para os professores que frequentaram a 1<sup>a</sup> Etapa da Superação. Se for este o seu caso, lembre-se das duas primeiras Unidades de Língua Portuguesa. Elas falavam exactamente nessas coisas.

A esse respeito, se quiser, faça o seguinte exercício: tente lembrar-se do nome de umas oito línguas africanas faladas em Angola, sem consultar ninguém. Anote isso em algum lugar, e confira depois com a lista de línguas que aparecem na Unidade nº 1 de Língua Portuguesa (se você ainda tiver a Unidade, é claro!).

Observe ainda entre as pessoas que convivem consigo: todas elas falam a mesma língua materna? E com relação aos seus alunos, qual é a situação? Todos eles falam a mesma língua? Ou há mais que uma língua materna na sua sala de aula? Observe.

E tente responder: se as pessoas falam línguas maternas diferentes, como é que conseguirão então comunicar entre si? Será necessário que aprendam a falar todas as línguas? Ora, sabemos que essa hipótese seria praticamente impossível.

Por outro lado, sabemos que esse problema não ocorre só na República Popular de Angola, mas em muitos outros países. E a solução é quase sempre a mesma: nesse caso, recorre-se a uma língua comum, com a qual todos possam comunicar o que pensam. É a essa língua que chamamos de língua veicular.

Ora, em Angola todos sabemos que essa língua veicular é a língua portuguesa. É a língua de comunicação, de união, entre todos os angolanos, que falam línguas diferentes.

Mas veja bem: aqui em Angola a língua veicular é a língua portuguesa, mas em outros países a língua veicular pode ser outra. O russo, por exemplo, é a língua veicular da União Soviética. No Zaire é o francês. E assim por diante..

Língua Veicular não é, portanto, o nome de uma língua. Língua veicular é a função que uma língua pode ter, ou seja, o papel, a utilização que se faz de uma língua. Por isso é que os professores que fizeram a 1ª Etapa da Superação receberam fascículos que se chamavam Unidades de Língua Portuguesa, e não Unidades de Língua Veicular. Naquelas Unidades, estudámos a língua portuguesa especificamente, e não qualquer outra língua veicular.

Isso pode parecer um detalhe sem importância, mas é antes de mais nada uma questão de lógica: precisamos acostumar-nos a chamar as coisas pelos seus próprios nomes.

Por hoje é só. Na próxima carta voltaremos a falar dessa questão de língua portuguesa. Verá que, para isso, teremos de falar um pouco da História. Até à próxima carta...

A equipa  
de professores de  
Língua Portuguesa

Prezado camarada:

Que tal se continuássemos a nossa conversa sobre a língua?

Na primeira carta, esclarecemos que o nome adequado é Língua Portuguesa. Portuguesa? Sim, portuguesa, isto é, a língua inicialmente falada apenas em Portugal, pelo povo português.

Mas aí alguém pode estranhar: "Que história é essa? Estamos em plena África e estudamos uma língua que não é africana? Como é que é isso?"

Observe bem essas perguntas feitas acima. Verdade que a palavra mais importante nelas, a palavra-chave, é a palavra história, também conhecida, no nosso caso, com o nome de colonialismo.

Se recuarmos alguns séculos, veremos que os portugueses não ficaram apenas em Portugal. Aliás, todos nós já conhecemos essa história, não? Os portugueses resolveram sair pelo mundo, atravessar os mares à procura de riquezas, à conquista de novas terras. Chegaram à África, atingiram as Índias, descobriram o Brasil.

Por onde passavam iam-se instalando. Logo tornaram-se os donos dessas terras todas e formaram - com esses territórios conquistados - um grande Império.

Pois bem: nesses territórios novos os portugueses procuraram introduzir os seus costumes, a sua religião católica, a sua maneira de viver, o seu jeito de falar e de escrever, isto é, a sua língua.

Sabemos todos que essas conquistas não foram fáceis. Houve lutas, houve resistências: os habitantes dessas terras não queriam ser dominados em suas próprias casas, e revoltavam-se como podiam.

Essa luta entre os dominadores e os dominados durou séculos, e em cada lugar foi diferente. No Brasil, por exemplo, os portugueses tiveram de reconhecer a independência do povo brasileiro já no co-

meço do século passado, em 1822. Mas na África a luta pela libertação demorou mais tempo para triunfar. E, no caso de Angola, só terminou há 5 anos, como todos nós sabemos.

O camarada talvez pergunte: "Mas, afinal, estamos a falar de língua ou de política?" A sua pergunta terá razão de ser, mas a resposta seria: quando falamos de língua, temos de falar também de história, de política. Isso tudo está muito ligado, uma coisa depende da outra.

A língua portuguesa espalhou-se pelo mundo porque os portugueses procuraram conquistar novas terras. Na procura dessas terras, porém, não estavam sozinhos. Havia outros que também queriam conquistá-las: os ingleses, os franceses, os holandeses, para falarmos apenas de alguns. Aliás, se os portugueses tivessem conquistado o mundo todo, é provável que a língua portuguesa fosse hoje a língua veicular de todos os povos. Mas isto não aconteceu e, portanto, não compliquemos a história.

Tomemos agora um outro exemplo: o da língua inglesa. Essa língua é considerada hoje uma das mais importantes línguas nos contactos internacionais. Será por acaso? Claro que não. Basta lembrar que os ingleses foram grandes colonialistas, e que a sua mais importante ex-colônia, os Estados Unidos (cujo povo fala inglês), continuou a seguir pelo mesmo caminho. É por isso que hoje, se o camarada souber falar inglês, encontrará sem dúvida grande facilidade de comunicação em qualquer parte do mundo.

Mas voltemos à língua portuguesa, e sejamos claros: hoje ela é falada por vários povos que não são portugueses. (Lembra-se ainda em que países o português é falado? Aquelles que fizeram a 1ª etapa da Superação devem recordar-se de que já falámos nisso na Unidade nº 1 de Língua Portuguesa.)

Também isso acontece, aliás, com outras línguas, com outros povos. Quer exemplos? Olhe o caso da América Latina: mexicanos, cubanos, argentinos, bolivianos, uruguaios, chilenos, paraguaios, perua-

nos, nicaraguenses e colombianos, para citarmos apenas alguns dos povos que lá vivem... Todos eles falam hoje a língua... espanhola. E, no entanto, nenhum desses povos é espanhol, nem se sente espanhol. Simplesmente esses povos todos estão a utilizar a língua de seus antigos colonos, os espanhóis, para estarem unidos. Eles resolveram tirar bom proveito daquilo que aprenderam. Perceberam que poderiam aproveitar aquilo que aprenderam com os colonos espanhóis, em benefício próprio.

Vejamos agora o nosso caso, em Angola. Durante o período colonial, muita coisa foi feita: foram construídos prédios, foram abertas estradas, fundaram-se cidades, máquinas foram importadas, etc. Enfim, à custa do esforço do povo angolano, muitos trabalhos foram realizados enquanto os portugueses aqui estavam como patrões.

Ao perderem o poder, com a independência angolana, os colonialistas retiraram-se, levando consigo o que podiam. Evidentemente não puderam levar tudo, e muita coisa ficou: prédios, máquinas, cidades, certos costumes, a língua portuguesa... tudo isso ficou, como sinal da passagem dos colonos portugueses.

E agora? Que fazer com o patrimônio, isto é, com esse conjunto de coisas que ficaram? Destruir tudo? Deitar tudo fora? Claro que não. O melhor é procurar fazer bom uso do que ficou, não acha?

Pois é isso o que está a acontecer com a língua portuguesa em Angola. Unindo-se todos numa só nação, os angolanos tinham necessidade de uma língua através da qual todos pudessem comunicar entre si. Que língua utilizar? A língua portuguesa? Ou uma língua africana? Nesse caso, qual delas? E por que razão esta, e não aquela contra língua africana?

Como o camarada pode imaginar, a escolha de uma língua africana, pelo menos actualmente, despertaria muitos problemas. Isso só iria tornar mais difícil a união de todos nós. Foi por isso que o MPLA escolheu a língua portuguesa como língua veicular: ela é, por enquanto, a única língua que pode servir de meio de comunicação en-

tre todos nós.

Paremos um pouco por aqui. Tente agora responder, mentalmente, às seguintes perguntas sobre o que já vimos nessas primeiras duas cartas:

- 1) Qual o nome mais adequado para a língua de comunicação que estamos a ensinar? Por que motivo? (Veja bem, é o nome da língua, e não a sua função...)
- 2) Qual é a situação de Angola no que diz respeito à questão de línguas?
- 3) O que é língua veicular? Dê dois exemplos de línguas veiculares no mundo.
- 4) Você acha que há alguma relação entre a língua portuguesa e a História? Se acha que sim, qual é?
- 5) Na sua opinião, que atitude se deve tomar diante do patrimônio deixado pelo período colonial?

Respondeu? Então, até à próxima carta; nela falaremos um pouco sobre os problemas que aparecem quando se quer aprender uma língua que não é a materna.

A equipe.

Luanda, abril de 1981.

Camarada professor:

Na última carta dissemos que iríamos falar aqui sobre os problemas que surgem para aqueles que querem dominar uma língua que não é a materna, correcto?

Mas, para discutirmos esses problemas, é preciso primeiro conversarmos um pouco sobre a questão da língua materna. A definição de língua materna já foi vista na Unidade nº 2 de Língua Portuguesa. Se o camarada fez a 1ª. etapa da Superação certamente ainda estará lembrado. Só que nessa Unidade tocámos no problema muito por alto, superficialmente. Por isso é bom tentarmos agora aprofundar um pouco mais essa questão.

Vamos partir do ponto mais evidente: todos os homens têm a sua língua materna, também chamada de língua primeira, por uma razão muito simples: é a que aprendemos primeiro, é a que começamos a ouvir em geral da boca da nossa mãe, do nosso pai, dos nossos familiares, desde que nascemos.

É através dessa primeira língua que nós aprendemos a dar nome aos objectos, aos animais que nos rodeiam, aos factos que acontecem, às acções que as pessoas fazem, etc. É através dessa língua que, pouco a pouco, começamos a entender os acontecimentos, as ideias que aparecem. Através dessa língua vamos aos poucos aprendendo a pensar.

Primeira observação importante: todos nós começamos a aprender essa primeira língua ouvindo-a. Isso explica por que razão aqueles que são surdos desde o nascimento são, em consequência disso, mudos.

Nem sempre se dá importância a isso, mas o facto é que nenhuma criança já nasce falando. É preciso primeiro que a criança ciça e grave na cabeça aquilo que ouve. Na cabeça, ou melhor: no cérebro, esse órgão complicado e todo cheio de voltas que todos nós temos dentro do crânio.

Conhece o gravador, não? Pois bem, esse aparelho funciona mais

ou menos como a nossa cabeça. Primeiro ele grava o que nós queremos. Depois de gravar é que ele é capaz de reproduzir aquilo que gravou. Claro que o nosso cérebro não é apenas um gravador; o nosso cérebro é muito mais capaz do que esse aparelho. Porquê? Porque o gravador não pensa. O gravador só é capaz de reproduzir aquilo que "ouviu", isto é, aquilo que nós registámos nele. Conhece o papagaio, não? Pois o gravador é como essa ave, que simplesmente repete aquilo que ouviu.

Nós não. Nós ouvimos muito, registamos muito com os nossos ouvidos, mas somos capazes de dizer coisas que não são apenas uma repetição daquilo que ouvimos. Temos a capacidade de usar aquilo que ouvimos para dizer coisas que nós mesmos pensamos...

Então vamos concluir essa ideia: aprendemos a falar a nossa primeira língua porque passamos vários meses a ouvi-la. Temos aí, então, na aprendizagem da língua materna, dois "momentos" importantes:

- 1) um, em que os sons, as palavras, vêm de fora para dentro, isto é, as pessoas falam, falam, e a criança ouve e grava;
- 2) outro, em que os sons, as palavras fazem o caminho contrário, de dentro para fora, ou seja: a criança já fala, já emite sons e palavras, para que as outras pessoas oíçam.

Quando as outras pessoas ouvem o que a criança diz, e respondem, começam os diálogos. Aí começa realmente a comunicação oral. Aliás, a comunicação é a primeira grande função da língua: todas as línguas servem, em primeiro lugar, para que as pessoas possam conversar, pos sam ouvir o que as outras têm a dizer, e exprimir aquilo que pensam.

É evidente que, nos primeiros tempos em que a criança começa a falar, dirá coisas de uma forma que normalmente não se diz, ou que nós consideramos erros. Quer exemplos?

É o caso frequente entre miúdos que começam a falar a língua portuguesa como língua materna, e que dizem:

"eu quéio" em vez de "eu quero"

"eu sabo" em vez de "eu sei"

"áua" em vez de "água"

"papato" em vez de "sapato"

"bóia" em vez de "bola"

"naiz" em vez de "nariz", e assim por diante.

É natural. A criança ainda está a aprender a falar, e só aos poucos é que vai dominar a língua. Enquanto isso, ela fala como sabe. Às vezes, nós achamos até divertido, engraçado. E é. Mas alguns adultos chegam mesmo a entrar nesse jogo, e se põem a falar com a criança da mesma maneira como ela fala. O que você acha disso?

Nós pensamos que isso não é bom. A criança só vai dominar bem a língua se ela ouvir muitas vezes as outras pessoas a falarem normalmente. Se nós começarmos a falar com ela tal como ela fala, como é que a criança vai aperfeiçoar a sua maneira de falar?

Mas atenção! Quando dizemos aqui 'falar normalmente', ainda não estamos a pensar em 'falar correctamente', ou conforme a gramática. A correcção gramatical vem depois, e é um problema mais complicado. Falaremos desse problema numa das nossas próximas cartas.

Por enquanto, queremos dizer apenas que a criança precisa aprender a falar de um modo que as pessoas em geral entendam. Se uma criança diz, por exemplo, "Olhe a vaca!" em vez de "Olhe a faca!", é evidente que não está a comunicar a ideia que queria. Ela deve aprender, portanto, que a pronúncia correcta para o nome daquele instrumento que corta é 'faca', e não 'vaca'. Por isso, devemos ser claros: quando uma criança diz 'vaca' no lugar de 'faca', está a cometer um erro, e deve ser corrigida.

Se nós só acharmos isso engraçado e não a corrigirmos, pior para a criança, porque ela vai continuar repetindo o seu erro e criando confusão, sem conseguir comunicar correctamente a ideia que ela tem na cabeça.

Mas corrigir como? Bem, isso é meio complicado, mas, por enquanto, digamos o seguinte: se a criança disser coisas que nós sabemos que não estão bem ditas, devemos procurar mostrar-lhe qual é a maneira correcta. Para isso, basta dizermos correctamente a frase que ela

3<sup>a</sup> carta - pág. 4

tenteu dizer, com a pronúncia que usamos normalmente. Com o tempo ela seguirá o nosso exemplo, e passará a falar de forma cada vez mais compreensível.

Mas a nossa conversa já se está a tornar um bocão longa, e é melhor pararmos por aqui. Na próxima carta continuaremos, está bem?

A equipa.

Luanda, abril de 1981.

4<sup>a</sup> carta - pág. 1

Carada professor:

Na carta anterior, estivemos a conversar sobre a língua mater na, que a criança começa a ouvir em casa desde que nasce, para po-  
der começar a falar após os primeiros meses de vida. Dissemos que,  
no começo, a criança ainda não se exprime bem. Mas vejamos como  
as coisas se passam: primeiro, a criança solta alguns sons. A se-  
g<sup>uir</sup>, emite algumas sílabas simples (ba, da, ma pa, ta, etc.). De-  
pois aparecem as primeiras palavras e, aos poucos, vão surgindo  
frases inteiras.

Com o tempo, a criança já se sente dentro da língua como o  
peixe dentro da água. Não constrói ainda, é claro, frases complica-  
das, nem usa palavras muito difíceis. Mas já consegue comunicar o  
essencial, em casa e com os amiguinhos da sua primeira infância.

Assim passam os seus primeiros anos de vida, até que um belo  
dia (por volta dos 5 anos, aqui no nosso país) acontece uma coisa  
inteiramente nova para a criança: a escola.

Aí começa concretamente o assunto que referimos na carta an-  
terior e que, afinal, lá não tratámos. Vamos a ela: com a entrada  
para a escola, um mundo completamente diferente toma conta da cri-  
ança.

A partir de agora, ela vai passar algumas horas do dia ouvindo,  
fazendo e fazendo coisas que talvez ela ainda não tenha conheci-  
do. Mas, principalmente, ela terá pela frente, a partir daí, um  
adulto que vai estar com ela o tempo todo na escola - o professor,  
isto é, você, por exemplo.

Mas não vamos insistir muito nisso. Você já deve ter tido es-  
sa experiência, ao dar aulas na Iniciação. Se teve, é capaz de des-  
crever, melhor que ninguém, os primeiros dias de aula na vida de  
um criança. Tocámos nesse assunto apenas para sublinhar que, em Ango-  
la, a entrada para a escola é o momento em que as nossas crianças

entram em contacto directo com uma nova língua: a língua portuguesa.

Talvez a criança já tenha ouvido falar o português antes: ou em casa, ou na rua, ou pela rádio, uma palavra aqui, uma frase ali. Pode ser que essa língua não seja assim algo tão novo, nem tão estranho. Mas é sem dúvida a partir da escola que ela terá a oportunidade de ouvir todos os dias, no mesmo horário (sistematicamente, portanto) alguém falando em língua portuguesa.

Todos nós sabemos que, em Angola, a maioria absoluta das crianças não tem a língua portuguesa como língua materna. Esse é um problema sério, mas não se assuste com ele: com calma e com um pouco de estudo, nós podemos ir resolvendo esse problema. E você também, na sua sala.

Para já, lembre-se da nossa carta anterior, quando falávamos de como uma criança aprende a dominar uma língua: começando pelo nível oral (ouvir/falar). O nível escrito vem bem depois (ler/escrever).

Pois bem. É a partir da sua entrada para a escola que a criança vai começar a aprender seriamente uma segunda língua. Mas será mesmo importante para um miúdo aprender assim tão cedo uma língua nova?

Achamos que sim. Por várias razões, entre as quais:

- 1<sup>a</sup>) quanto mais cedo se começa a aprender uma língua, mais facilmente se consegue dominá-la;
- 2<sup>a</sup>) para continuar os seus estudos, a criança vai ter de aprender uma porção de coisas, de informações científicas; ora, por enquanto, as línguas africanas ainda não têm palavras para explicar todas essas coisas, todas essas informações e noções científicas;
- 3<sup>a</sup>) pelo que já dissemos anteriormente, é necessário que todos os angolanos dominem uma língua que lhes permita comunicar com os que falam uma língua materna diferente.

Poderíamos ainda apresentar outras razões, mas talvez não se-  
ja preciso. Por enquanto, é suficiente que o camarada pense o se-  
guinte: a língua portuguesa em Angola é a língua oficial, a língua  
das escolas, a língua veicular. Por isso, as pessoas que souberem  
falar essa língua terão mais facilidades. Portanto, quem ainda não  
fala essa língua deve procurar aprendê-la o mais rapidamente possí-  
vel, o mais cedo que se puder.

E as línguas maternas africanas? Quer dizer então que não va-  
mos dar importância a essas línguas? É evidente que vamos. Mas  
línguas vão continuar a ser faladas, vão-se desenvolver, como to-  
das as línguas se desenvolvem.

Alis, ninguém pretende evitar que as línguas desenvolvam a  
sua língua materna. O que se pretende é que todas as línguas de  
Angola dominem duas línguas, pelo menos: a sua língua materna e a  
língua portuguesa. Isto é, queremos que as línguas angolanas se-  
jam bilingues.

O camarada talvez esteja aí a pensar no assunto e se pergunte:  
mas não seria mais fácil deixar a criança estudar primeiro na sua  
língua materna, e só depois, mais tarde, poderíamos ensinar-lhe a  
língua portuguesa?

Vamos responder: claro, para a criança seria mais fácil. Mas  
vamos ver isso concretamente. Suponhamos então que cada criança vá  
fazer, digamos, as 4 primeiras classes em língua materna. Por exem-  
plo: as que falam umbundo terão aulas em umbundo; as que dominam o  
quimbundo terão professores falando quimbundo. E as que falam o  
português como língua materna? (A verdade que são uma minoria, mas  
elas também são angolanas, não?) Por princípio, elas terão aulas  
em português, é claro.

Por muito bem. Aí chegam todas à 5ª. classe. Suponhamos que  
a partir da 5ª. é que as crianças que falam línguas maternas vão  
nas comecem a aprender sistematicamente o português. O que é que  
vai acontecer? Parece claro que aquelas crianças que tiveram as 4

missiras classes em língua portuguesa vão levar muita vantagem sobre todas as outras, não?

É muito difícil discutir consigo esse problema sem gastarmos muito papel, e já nos estamos tornando muito longos. Talvez seja melhor ficarmos por aqui. Tente agora resumir o que foi dito nas duas últimas cartas. Para o ajudar, vamos fazer-lhe algumas perguntas. Inicialmente, procure respondê-las:

- 1) Observe a situação dos seus alunos: eles falam todos a mesma língua materna?
- 2) Procure lembrar-se das pessoas com quem você lida normalmente. Você acha que é importante haver uma língua veicular para você poder comunicar com essas pessoas?
- 3) O que é preciso para que a criança comece a falar? (Em outras palavras: os surdos de nascimento serão capazes de aprender a falar como as outras crianças?)
- 4) Que diferença há entre um gravador (ou um papagaio) e um miúdo, no que diz respeito à fala?
- 5) Que devemos fazer quando uma criança diz, por exemplo, "naiz" no lugar de "nariz"?
- 6) Quando uma criança começa a falar, já diz logo frases inteiras? Explique como é.
- 7) Quando é que a grande maioria das crianças angolanas entra em contacto directo e constante com a língua portuguesa?
- 8) Dê 2 razões para que um miúdo angolano aprenda a língua portuguesa assim tão cedo.
- 9) Com relação à questão de línguas, o que é que nós queremos que as crianças de Angola sejam?
- 10) Está de acordo com a ideia de que "quanto mais cedo se aprender a língua portuguesa, melhor"? Porquê?

Por hoje é só. Na próxima carta vamos falar-lhe um pouco de como é que se pode aprender uma segunda língua na escola, combinado?

A equipa.

Luanda, maio de 1981.

Prezado professor:

O nosso assunto nesta carta gira em torno da seguinte pergunta: como é que se aprende uma segunda língua na escola?

Essa pergunta já foi feita muitas vezes em todas as partes do mundo, e há muitas pessoas preocupadas em tentar respondê-la. Vários autores têm escrito coisas sobre isso, mas seria muito longo citar aqui todas as suas conclusões. Vamos tentar algo mais simples: apresentar apenas as ideias que achamos mais importantes. Se isso não for suficiente, teremos de encontrar uma outra ocasião para voltarmos ao assunto com mais pormenores, combinado.

Muito bem. Como já deve ter percebido, às vezes, para se responder a uma pergunta, é necessário primeiro responder a outras, até que tudo fique esclarecido e se possa responder à primeira questão. Ora, aqui dá-se o mesmo caso.

Primeira pergunta: qual seria a melhor idade para a criança começar a aprender uma segunda língua?

Já começámos a responder a isso na carta anterior, quando dissemos: quanto mais cedo, melhor. Mas vamos ver isso agora mais detalhadamente.

Alguns psicólogos que fizeram estudos sobre a questão afirmam que a melhor idade começa desde... o nascimento. Mas há também os que acham que aprender a língua materna e uma outra língua já no início da vida pode trazer problemas para a criança. Por uma questão de segurança, prefere-se então dizer que a partir dos 4 ou 5 anos a criança está em condições óptimas para aprender uma segunda língua.

Nessa altura, o miúdo já fixou bem a base da sua língua materna, e está ainda com a cabeça bem "fresca" para aprender uma nova língua. Essas condições continuam sendo excelentes até por volta dos 7 ou 8 anos.

Mas, cuidado: não vá pensar que é só nessa idade que uma criança pode aprender uma outra língua. Não. Em qualquer idade isso pode ser feito. Queremos apenas dizer que os primeiros 7 ou 8 anos de vida são a melhor época para se aprender uma nova língua.

Mas passemos a uma segunda pergunta: quando se aprende uma segunda língua, será que a língua materna perturba essa aprendizagem?

Depende. Esta pergunta está muito ligada à pergunta anterior. Pelo que já se estudou sobre a questão, sabe-se que quanto maior for a idade da criança, mais a língua materna perturba e interfere na aprendizagem de uma língua segunda. Por isso, quanto mais velho for o aluno, mais exercícios vão ser necessários, mais repetições vão ter de ser feitas para que ele entenda e fale a língua nova, por exemplo, com uma boa pronúncia.

Terceira pergunta: será que a criança que aprende uma segunda língua não terá problemas psicológicos?

Ou seja: será que isso não vai criar confusão na cabeça do miúdo? A nossa resposta será: até hoje ninguém conseguiu provar que uma criança bilingue tenha mais problemas do que uma criança que só fala uma língua. Mas tudo depende, é claro, de como se ensina essa segunda língua. E, principalmente, tudo depende de como essas duas línguas são consideradas por nós e pela sociedade. Se nós mostrarmos que uma língua não é inferior à outra, não haverá maiores problemas. Basta que a criança perceba, aos poucos, que terá necessidade das duas línguas, dependendo das situações de comunicação que lhe aparecerem no dia-a-dia.

Em geral há problemas quando nós, como professores ou mesmo como simples cidadãos, damos a entender ou achamos que uma língua é inferior à outra. Ora, nós sabemos que não há línguas superiores nem línguas inferiores. Elas são, isso sim, diferentes, e cada uma tem o seu uso, que depende das situações que nos aparecem na vida.

Se essas ideias forem levadas em conta na nossa maneira de ensinar uma segunda língua, não haverá maiores problemas. Concorde?

Mas parece que já nos estamos tornando longos de novo, e ainda nem sequer tocamos na pergunta principal desta carta. Vamos fazer uma pausa?

Pare de ler alguns minutos, e aproveite esse tempo para fazer outra coisa qualquer: algum trabalho de casa, da escola, etc. Se não tiver mesmo nada para fazer (ou não quiser fazer esse tipo de trabalho), faça o seguinte:

feche os olhos por alguns instantes, e preste atenção a todos os sons ou ruídos à sua volta. Tente descobrir de onde vêm esses sons, o que é que produz esses ruídos, etc. Com alguns exercícios desse tipo, você desenvolverá ainda mais a sua capacidade de distinguir sons (aquilo que, numa linguagem mais pretenciosa, nós chamaríamos de acuidade auditiva). Isso vai ajudá-lo a ensinar melhor os seus alunos a dominarem a língua portuguesa.

Pronto. Já fez o que tinha a fazer? Chegou a tentar o exercício que propusemos? Pois bem. Antes de continuarmos, responda agora: a partir de tudo o que ouvir, sabe distinguir o que é som e o que é ruído? Será que é tudo a mesma coisa? Então vamos ver. Quando você ouve algo, pense bem:

- o se for uma vibração organizada, algo que chega aos nossos ouvidos já com uma certa ordem, é som; Exemplos: alguém que está a falar; um assobio, um canto, uma música qualquer...
- o se for um barulho produzido de qualquer maneira, uma vibração sem ordem, desorganizada mesmo, sem nenhuma frequência definida, é ruído. Exemplos: alguém que está na cozinha e que deixa cair coisas no chão; alguém que esbarra nos móveis; alguém que tosse, etc. Ruído, barulho, é aquilo que perturba, que atrapalha...

Mas voltemos ao nosso problema de base: como aprender (e como

ensinar) a língua portuguesa como segunda língua? Pois bem, comecemos pela parte prática. Leia com atenção as seguintes sugestões:

Primeira sugestão: antes de mais nada, dirija-se aos seus alunos, e procure testá-los individualmente, de uma maneira simples. Objectivo: perceber se eles já são capazes de entender e de dizer alguma coisa em português logo no primeiro contacto. Pergunte a cada um deles, por exemplo:

- Como é que tu te chamas? (ou: Qual é o teu nome?)

Ou dê uma ordem qualquer, como:

- Sente-se aqui. (ou:)

- Traga-me aquela cadeira, por favor. (ou:)

- Empréstame teu lápis... (ou algo assim.)

Com essas perguntas simples, já terá uma pequena ideia do nível dos seus alunos à entrada, antes de começarem a aprender coisas novas.

Se for possível, faça uma pequena ficha com o nome de cada aluno e aponte aí as suas impressões iniciais. Se isso não for possível, esforce-se por reter na memória pelo menos os casos mais extremos que aparecerem entre os seus alunos. Nesse sentido, os casos extremos podem ser: ou alunos que dominem admiravelmente já o português; ou alunos que parecem não entender nem saber dizer nada nessa língua.

Depois disso, terá de levar em conta, nas suas aulas, as diferenças que constatar entre os seus alunos: aqueles que sabem mais vão poder ajudá-lo a trabalhar com os alunos que ainda sabem pouco.

Resumindo: num primeiro momento, procure observar bem os seus alunos, conversar com eles, para ver se eles já entendem coisas simples, e se já são capazes de dizer algo em língua portuguesa. Naturalmente nós já fazemos isso, não? O importante, nesse caso, é procurarmos organizar melhor as nossas observações, aluno por aluno.

Segunda sugestão: ao dirigir-se ao conjunto dos seus alunos, ou a apenas um deles, procure dizer sempre coisas que estejam directamente ligadas à situação concreta na qual vocês se encontram.

Essa situação completa é composta dos seguintes elementos:

- 1) um locutor (ou mais), ou seja, alguém que fala, e que está presente, diante de alguém que é...
- 2) um interlocutor (ou mais) que é a pessoa que ouve o que se diz, e que vai responder ou não ao que foi dito;
- 3) um local, isto é, o espaço físico em que a conversa vai ser feita; pode ser a sala de aula, o pátio, o corredor, a saída da escola, etc.
- 4) um momento dado, isto é, a hora em que a conversa se dá: de manhã ou à tarde, à hora da entrada ou da saída, antes do recreio ou depois dele, etc.

No princípio, todas as conversas devem girar em torno dessas situações concretas. Só depois é que virão as estórias. Só depois é que se falará propriamente do passado ou do futuro. Primeiro, a criança precisa fazer a ligação directa entre aquilo que ela ouve e aquilo que ela vê, cheira, experimenta, toca, sente, etc.

Cortemos a conversa por aqui, porque esta carta já se está a transformar em "romance". Continuaremos na próxima. Quer uma sugestão? Volte atrás e leia as duas últimas cartas, para ver se aparece alguma ideia nova na sua cabeça. Até à carta seguinte...

A equipa.

Luanda, maio de 1981.

6<sup>a</sup> carta - pág. 1

Prezado camarada:

Já nos íamos esquecendo de esclarecer-lhe uma coisa importante: não é a nossa intenção, aqui, a de estudar consigo, ponto por ponto, os programas de Língua Portuguesa preparados para as diferentes classes do 1º nível. Isso iria exigir-nos muito tempo, e nossa ideia não é assim tão ambiciosa. Queremos apenas discutir consigo alguns problemas ligados ao ensino da língua, que achamos essenciais.

Se tiver dúvidas sobre coisas do programa, não hesite: procure pedir esclarecimentos - a algum colega seu, ao seu director, a alguém do Gabinete Provincial de Apoio Pedagógico (GPAP) ou do Centro Provincial de Superação (CPS - antigo CAP).

Se precisar resolver algum problema de Língua Portuguesa urgentemente e não tiver ninguém com quem trocar ideias, decida como achar melhor, procurando apenas ter bom senso. Na dúvida, é melhor ir com cuidado, evitando soluções extremas ou mudanças bruscas. Se não tiver certeza, faça como os velhos homens do mar: quando não conseguem ver direito ao seu redor, levam o barco devagar.

Vamos em frente? Resumindo o que lhe dissemos na nossa última carta: apresentámos-lhe já duas sugestões para o ensino da Língua Portuguesa:

- a) observar bem o nível dos seus alunos antes de começar a ensinar-lhes algo;
- b) partir sempre da situação concreta em que se encontram você e os seus alunos.

Terceira sugestão: não se preocupe se, depois de algum tempo de trabalho nas aulas, os seus alunos ainda não falam o português. Isso não quer dizer que eles não estão a aprender. Isso apenas significa que eles primeiro estão a desenvolver a sua capacidade de compreender o que se diz. Em seguida, e como consequência disso, logo desenvolverão a capacidade de falar. Em todo caso, verifique se todos os seus alunos estão a ouvir bem, desde o primeiro que se senta logo à

frente até ao último, lá atrás.

Quarta sugestão: já deve ter observado que os miúdos têm uma capacidade enorme para imitar aquilo que vêem, o que os adultos fazem, etc. Com a língua é a mesma coisa. Lembre-se sempre, por isso, que os seus alunos irão procurar imitá-lo, irão tentar falar como fala o camarada. Você será, para eles, um modelo (aliás, não só em língua portuguesa, mas em outros aspectos também...).

Como vê, camarada professor, a sua responsabilidade é grande. Porquê? Porque o camarada tem uma importância muito grande para a criança. A sua maneira de agir, professor, é muito bem observada pela criança. O seu modo de falar também: ela vai querer falar tal como você - pense nisso.

Isso não quer dizer que o camarada tenha de "falar difícil", como se estivesse numa reunião importante ou numa cerimónia pública. Nada disso. Trata-se apenas de procurar falar:

- com clareza - pronunciando as palavras normalmente, nem rápido demais nem a dormir; sem "engolir" sílabas ou mesmo palavras...
- com simplicidade - sem complicar muito o que se quer dizer; com palavras fáceis, mais ligadas a coisas concretas e presentes no momento em que se fala; evitando frases longas...
- com expressão - isto é, dando vida ao que se diz, pondo sentimento no que se fala, na entoação que se dá, etc. É importante que a criança sinta que está diante de alguém que  sente aquilo que diz e que transmite os seus sentimentos, e não diante de uma máquina falante...
- com naturalidade, isto é, comportando-se de acordo com aquilo que você é: um adulto que tem por tarefa a educação das suas crianças, a formação dessas cabeças que amanhã irão ter certamente um papel importante nos destinos do país. Ser natural com as crianças é falar-lhes sem maiores barreiras, sem criar distância entre você e elas. É procurar apoiá-las, dar-lhes segurança, criar nelas uma atitude de confiança em rela

ção a si... É procurar entendê-las para melhor orientá-las...

Quinta sugestão: que é tão importante que poderia até ter sido a primeira sugestão desta série. Procure criar nas crianças um interesse, procure motivá-las.

Para que as crianças aprendam uma nova língua, é indispensável que elas tenham vontade de aprendê-la. E elas só terão essa vontade se as situações de aprendizagem forem agradáveis.

Veja bem: a criança entrou num mundo estranho, que é a escola. É natural que, diante de algo estranho, as pessoas sintam-se desconfiadas, com um certo receio. Como tirar essa desconfiança, esse medo?

Procurando ser agradável com as crianças. Procurando fazer coisas que lhes interessem. Que coisas? Observe bem os seus alunos durante algum tempo, dentro e fora da sala de aula. Logo verá quais são as coisas que mais lhes interessam, que mais os atraem.

De qualquer forma, uma coisa é certa: o primeiro grande interesse que as crianças terão para aprender a língua portuguesa é este: poder comunicar com o seu professor, isto é, consigo.

Isso é fundamental: se você procurar ser uma pessoa agradável, alegre, segura, a criança vai interessar-se por você, vai procurar aprender logo a falar para poder, entre outras coisas, falar consigo.

Se, ao contrário, você for distante, agressivo; se estiver sempre bravo, nervoso, a criança vai reagir mal, vai-se afastar de si. Enfim: vai demorar muito mais tempo para aprender a falar a nova língua consigo.

Depois de tudo o que dissemos, procure agora pensar um pouco sobre a maneira como você tem agido com os seus alunos, como professor e como pessoa:

1º) você observou qual era o nível das suas crianças em língua portuguesa ao começar a dar aulas para elas?

- todas as suas crianças ouvem bem? alguma delas é gaga? é muda?

- as crianças da sua classe que falam melhor o português têm sido convidadas por você para ajudar as que ainda falam pouco ou quase nada?
- 2º) você tem procurado falar sempre de coisas concretas, de factos que aconteçam na situação concreta em que vocês se encontram, em sala de aula (ou mesmo fora da sala)?
- 3º) você tem tido paciência com as crianças, quando elas ainda não conseguem exprimir-se em língua portuguesa, mas já demonstram compreender o que se diz?
- 4º) você percebe que as crianças procuram, às vezes, imitá-lo?
- você leva isso em conta quando está com os seus alunos?
  - ao comunicar com os seus alunos, você está sempre atento ao que eles lhe dizem, ou tentam dizer, mesmo quando não conseguem exprimir-se?
  - você pronuncia as palavras claramente, sem muita pressa, e num tom de voz que todos oíçam?
  - usa palavras simples, ligadas a factos concretos, visíveis para as crianças?
  - põe sentimento naquilo que diz aos seus miúdos? transmite-lhes entusiasmo? Observe a sua entoação de voz: ela é viva, animada?
  - tem procurado entender as suas crianças, apoiá-las, dar-lhes confiança, orientá-las?
- 5º) as suas crianças têm gostado de estar consigo em sala de aula? as situações aí têm sido em geral agradáveis? as crianças demonstram interesse em comunicar consigo? o que é que você tem feito para interessar as suas crianças a aprenderem a língua portuguesa?

Pense um pouco nisso tudo, e procure ser sincero consigo próprio. Pelas respostas que der a si mesmo, já terá uma ideia do que pode fazer para que os miúdos aprendam mais facilmente o português. Mas isso não é tudo. Veremos mais coisas na próxima carta, está bem?

Camarada professor:

Vamos imaginar uma situação assim:

1º dia - o camarada entra na sala de aula e diz:

- Bom dia!

talvez algum aluno já saiba algo de português e responda "Bom dia!". Talvez ninguém saiba o que responder, e ninguém responderá...

2º dia - o camarada entra na sala e novamente diz:

- Bom dia!

3º dia - de novo, entra o camarada e diz:

- Bom dia!

E assim por diante, todos os dias. Depois de algum tempo, o que é que acontecerá?

- 1º) os alunos já saberão que o camarada, sempre que entra na sala a cada dia, diz algo, a mesma coisa;
- 2º) os alunos serão capazes de distinguir claramente os sons que o camarada pronuncia;
- 3º) se forem convidados a repetir o que disse o camarada, logo serão capazes de fazê-lo, a cada vez que o camarada entrar na sala;
- 4º) logo já estarão acostumados, e o "Bom dia!" dos alunos sairá quase automaticamente, assim que o virem entrar e ouvirem o seu "Bom dia!". É que já estarão habituados ou, podemos dizer, já estarão condicionados a isso.

A situação é simples, não? Pois vamos tentar estudá-la, por partes.

Primeira parte: os alunos vêm o camarada entrar e, ao mesmo tempo, ouem-no dizer "Bom dia!".

Segunda parte: nos dias seguintes, há uma repetição da mesma cena. Com essa repetição, os alunos vão ligar as duas coisas, vão associá-las: a entrada do camarada e o seu "Bom dia!"

Terceira parte: depois de bastante repetição, os alunos já sabem, já aprenderam: cada dia, ao entrar na sala, eles saberão que o camarada dirá "Bom dia!".

Quarta parte: os alunos saberão que, ao ouvir o "Bom dia!" do professor, irão responder, repetindo, "Bom dia!".

Vamos resumir o que aconteceu? O camarada ligou uma acção (a de entrar) a uma frase. Os alunos viram e ouviram. O camarada repetiu isso vários dias. Os alunos acostumaram-se com isso e acabaram ficando condicionados: a cada vez que o camarada entrar na sala, de certeza que já esperam o seu "Bom dia!" e irão responder cada vez mais em coro.

Podemos, portanto, dizer que, para aprenderem a ouvir e a dizer "Bom dia!", os seus alunos passaram por várias etapas:

- a) associação - ver entrar/ouvir "Bom dia!"
- b) repetição - ver entrar/ouvir "Bom dia!" várias vezes
- c) fixação/memorização - ao ver entrar o professor, os alunos já saberão: ele vai dizer "Bom dia!" e eu vou responder o mesmo
- d) condicionamento - ao ver entrar e ouvir "Bom dia!", os alunos estarão acostumados e responderão "Bom dia!".

Pois bem. Mas por que razão dissemos tudo isso?

Para podermos sugerir-lhe, camarada professor, mais uma ideia: é assim que as crianças aprendem muita coisa ao aprenderem uma língua - vendo, ouvindo e associando isso ao que ouviram, memorizando e adquirindo o costume, o hábito.

Esta é, portanto, a nossa sexta sugestão: ao ensinar algo às crianças, procure fazer isso, ou seja:

- a) associar sempre o que se diz a algo que as crianças possam ver, tocar, cheirar ou provar (observe que estão aí presentes os cinco sentidos: audição, visão, tacto, olfacto e gosto/paladar);
- b) repetir a situação várias vezes, para que as crianças a gravem na cabeça, na memória, e habituem-se a ela.

Com o passar do tempo, verá que as crianças irão além. Se por acaso o camarada encontrar algum aluno seu na rua, é provável que ouvirá, satisfeito, a saudação do miúdo: "Bom dia, camarada professor!". Isso, é claro, se o camarada já lhe tiver ensinado a chamá-lo de "camarada professor".

Quando um aluno seu for capaz disso, é sinal de que já conseguiu aplicar aquilo que aprendeu a uma outra situação. Dizemos então que o miúdo já é capaz de transferir aquilo que sabe.

Essa é uma outra capacidade que o camarada pode observar nos seus alunos: a transferência de aprendizagem. Quando isso acontecer, tem razão de ficar contente: os seus alunos estão realmente a aprender, estão a progredir.

Por hoje é só. Aguarde mais sugestões, na próxima carta...

A equipa.

Caro professor:

Nas cartas anteriores, falámos bastante sobre a maneira como a criança aprendeu a sua língua materna. Durante bastante tempo, a criança ouviu, ouviu. Aí começou a falar, e continuou a ouvir, a falar, a conversar com a mãe, com o pai, com os seus familiares, com os seus amiguinhos.

Desde que nasceu, o miúdo esteve "mergulhado" num ambiente em que a sua língua materna era falada. Por isso, acabou por aprendê-la.

Ora, é mais ou menos assim que ele vai aprender a falar também a sua segunda língua. Mais uma vez, é preciso "mergulhar" a criança num ambiente em que se fale essa língua. Diariamente, ela tomará o seu "banho" de língua portuguesa. Não será, é claro, exactamente o mesmo "banho" que tomava em casa para aprender a sua língua materna: em casa, ela estava praticamente todo o dia, com pessoas da sua intimidade; na escola, são apenas algumas horas diárias, na companhia de pessoas que ainda lhe são algo estranhas.

Por isso, talvez seja necessário mais tempo... mais paciência. Ao ensinar-lhes a língua portuguesa, prepare-se para isso: vai ser preciso ter sobretudo:

- 1) paciência;
- 2) muita paciência;
- 3) sempre paciência...

A criança errou? Paciência... Distraiu-se? Paciência... Calculou-se? Paciência...

Quando ela conseguir dizer algo em língua portuguesa, mostre a ela que está satisfeito, faça-lhe elogios, sorria. Ela vai perceber que conseguiu uma vitória, e vai sentir-se com vontade de continuar a sua luta para dominar a nova língua.

Esta é, portanto, a nossa sétima sugestão: paciência!

Aliás, ela não vale apenas para o ensino da língua portuguesa, mas para qualquer outra tarefa sua como professor. Procure não ficar nervoso com as suas crianças. Saiba esperar. Elas não vão aprender a

falar de um momento para o outro. Vai ser assim mesmo, devagar, com jeito, e com o tempo...

O importante é que você, camarada professor, não caia em desânimo. Continue dando o seu "banho" de língua portuguesa diariamente aos seus miúdos, com os olhos e ouvidos bem abertos em relação a eles. Mais cedo ou mais tarde, eles vão conseguir falar, não se preocupe...

Esse "banho", é claro, deve ser agradável. A "água" não deve estar nem fria demais nem quente demais. Conhecendo as suas crianças, você vai acabar por descobrir a "temperatura" mais adequada, a mais agradável, para esse "banho"...

Quer outra sugestão? (será a oitava) Pois bem. Não sabemos ao certo qual é a situação concreta dos seus alunos em relação às línguas, mas vamos pôr uma hipótese: suponhamos que todos eles falem a mesma língua materna, uma língua africana. Digamos que o camarada fale também essa língua. O que é que pode acontecer?

Quando houver dificuldades no ensino da língua portuguesa, será grande a tentação de se traduzir o que se quer dizer para a língua materna das crianças. E aí? Deve-se ou não traduzir?

A nossa opinião é a seguinte: deve-se evitar o mais possível o uso da tradução. Esse problema é bastante complicado, e não podemos tratá-lo detalhadamente aqui. Mas podemos dizer que, em geral, a tradução se faz ao nível de uma palavra ou de uma expressão qualquer. Ora, o importante não é que a criança saiba que tal coisa se diz assim na língua dela, ou equivale a tal palavra. O importante é que a criança saiba utilizar essa palavra dentro de uma frase e dentro de uma situação concreta.

Por isso insistimos muito para que se utilize sempre uma situação concreta quando se quer ensinar algo. Se a criança não entendeu o que se disse, é sinal de que a situação concreta não estava assim tão clara. Ou então, é sinal de que será necessário repetir outras vezes a mesma situação, até que a criança aprenda. Nada nos garante

que, se traduzirmos, a criança aprenderá mais rapidamente.

Ainda sobre esse aspecto, vamos admitir uma outra hipótese. Suponhamos que, na sua sala de aula, haja duas línguas maternas (ou mais) diferentes representadas. Digamos que o camarada domine uma das linguas. E aí?

Para nós, a resposta aí é clara: por uma questão de princípio, não está certo beneficiar apenas uma parte dos alunos. Se o camarada souber falar apenas uma das línguas, é certo que os alunos que falam essa língua serão favorecidos. Isso não seria justo. Nesse caso, é aconselhável não se recorrer a traduções dentro da sala de aula (e muito menos ainda diante dos alunos que não dominam essa língua materna).

Outra coisa: já observou que as suas crianças gostam de brincar, não? Pois é assim: todos os que tratam com miúdos, em qualquer parte do mundo, chegam sempre a essa conclusão: criança adora brincar, jogar, sozinha ou com os outros.

E aqui vai mais uma sugestão (e já é a nona!): procure um jeito de ensinar coisas novas em língua portuguesa através de brincadeiras, de jogos. Divertindo-se, a criança vai aprender a ouvir e a falar mais facilmente e com mais rapidez.

Para isso, não é necessário procurar jogos complicados, ou que exijam materiais especiais. Você pode propor brincadeiras utilizando aquilo que encontrar aí junto de si. Qualquer coisa pode servir para brincar, e as crianças sabem disso. Aliás, se você observar bem, verá que os miúdos brincam com qualquer coisa, até com o próprio corpo.

Lembre-se apenas de que, ao propor uma brincadeira qualquer, a intenção não é apenas a de brincar, passar o tempo, divertir-se. Isso tudo é importante, mas há um outro objectivo: a criança deve aprender alguma coisa - uma frase nova, um som diferente, uma entoação qualquer, etc.

Vamos à décima sugestão? Com ela terminaremos esta carta, está bem? A sugestão é a seguinte: procure ensinar sempre a língua

colocando as palavras dentro de uma frase, e a frase dentro de uma situação.

Um exemplo: digamos que você queira que a criança entenda o que quer dizer cadeira. Primeira providência: arranjar uma cadeira, para que a criança a veja, toque-a, sente-se nela, tente levantá-la, brinque com ela, etc.

Ao dizer algo à criança sobre a cadeira, diga, por exemplo:

- Está a ver esta cadeira? (ou:)

- Sente-se nesta cadeira. (ou:)

- Pegue esta cadeira! (etc.)

Evite dizer apenas: - Cadeira.

Por quê? Porque as palavras sozinhas, isoladas, não valem grande coisa. O importante, nas palavras, é que nós possamos juntá-las com outras palavras para dizer o que queremos.

Percebeu que estamos a falar numa questão fundamental, não? É a questão do vocabulário. Sem conhecer palavras, não é possível falar uma língua, correcto?

Mas como é que se aprendem as palavras? A nossa sugestão é esta: apresentando-as sempre numa frase, e dentro de uma situação concreta. Na próxima carta voltaremos a este assunto. Vamos tentar ver melhor essa questão do frase, combinado?

A equipa.

Luanda, junho de 1981.

9<sup>a</sup> carta - pág. 1

Prezado camarada:

Prometemos falar agora um pouco sobre a frase, mas é a tal história: às vezes, para podermos falar de uma coisa, temos primeiro de começar por outra. Tenha um pouco de paciência e procure seguir-nos. Verá que depois essa questão da frase vai ficar mais clara.

Então vamos lá: o que é preciso saber para se falar a língua portuguesa? Podemos responder simplesmente que é preciso:

- 1) saber emitir, isto é, produzir oralmente, os sons da língua portuguesa;
- 2) conhecer o vocabulário da língua;
- 3) saber combinar as palavras entre si.

Veja bem o ponto nº 1: falamos em sons da língua portuguesa. Porquê? Porque nem todas as línguas têm os mesmos sons. No caso da língua portuguesa, ela tem alguns, mas não tem outros. Se quiser, podemos rapidamente lembrar-lhe os sons que existem na língua portuguesa.

Mas lembre-se bem: estamos a falar de sons, e não de letras. As letras só vão entrar na história bem mais tarde, quando tratarmos da escrita. (Mas essa não é a intenção desse bloco de cartas. Aqui, só falaremos da língua do ponto de vista oral.)

Como verá pelos exemplos que daremos a seguir, há na língua portuguesa 33 (trinta e três) sons de base. Com eles, podemos falar em princípio qualquer palavra que pertença à língua portuguesa.

Assim, dizemos que uma criança é capaz de falar a língua portuguesa quando ela conseguir pronunciar claramente todos esses sons. Mas vejamos que sons são esses. Leia em voz alta os exemplos que aparecem na próxima página. Há dois exemplos para cada som. Cada som que nos interessa vem sublinhado.

Observe:

Quadro dos sons de base da  
Língua Portuguesa  
(através de exemplos)

- |                                     |                                      |                                     |
|-------------------------------------|--------------------------------------|-------------------------------------|
| 1) <u>a</u> рма, <u>a</u> ve        | 12) <u>o</u> vo, rep <u>o</u> lho    | 23) <u>b</u> om, <u>c</u> omboio    |
| 2) <u>a</u> li, <u>f</u> ita        | 13) <u>p</u> anela, cha <u>p</u> a   | 24) <u>ó</u> leo, <u>ó</u> bito     |
| 3) <u>s</u> aco, <u>c</u> ebola     | 14) <u>m</u> assa, <u>a</u> marelo   | 25) <u>a</u> zul, ca <u>s</u> a     |
| 4) <u>u</u> va, <u>t</u> u          | 15) per <u>n</u> a, <u>n</u> ada     | 26) <u>r</u> ato, car <u>r</u> o    |
| 5) ca <u>r</u> o, e <u>r</u> a      | 16) man <u>h</u> ã, <u>c</u> anto    | 27) Ang <u>o</u> la, <u>g</u> alo   |
| 6) <u>d</u> edo, <u>d</u> uro       | 17) <u>l</u> ápis, fa <u>l</u> a     | 28) <u>s</u> into, <u>f</u> im      |
| 7) pa <u>t</u> o, <u>t</u> ipo      | 18) tam <u>b</u> ém, lem <u>b</u> ra | 29) <u>j</u> acaré, <u>j</u> ogo    |
| 8) pa <u>u</u> , ca <u>s</u> a      | 19) ca <u>f</u> é, <u>e</u> la       | 30) nen <u>h</u> um, <u>u</u> mbigo |
| 9) <u>v</u> ejo, esp <u>e</u> ssu   | 20) <u>v</u> aca, la <u>v</u> a      | 31) <u>o</u> lho, gal <u>h</u> o    |
| 10) ga <u>i</u> ta, ace <u>i</u> ta | 21) <u>f</u> ila, gar <u>f</u> o     | 32) <u>c</u> have, ca <u>i</u> xa   |
| 11) fa <u>c</u> a, <u>c</u> avalo   | 22) <u>b</u> oca, ac <u>a</u> ba     | 33) <u>u</u> nha, <u>v</u> inho     |

Temos de insistir mais uma vez, para que fique bem claro: não estamos a falar de letras, mas de sons. Assim, o camarada deve ter observado que, em alguns exemplos, sublinhamos mais que uma letra. Por quê? Porque, às vezes, usamos mais de uma letra para escrevermos um só som (é o caso, por exemplo, da palavra: chave).

Vamos ao segundo ponto? Trata-se do vocabulário. Aí a questão é altamente complicada e, por isso, temos de vê-la com cuidado. Por quê? Porque as palavras, em todas as línguas, existem aos milhares. Há dicionários que registam 100.000 (cem mil) vocábulos. E olhe que esses ainda não são os maiores. Por outro lado, os dicionários que nós conhecemos normalmente são livros de um volume apenas. Evidentemente, aí não aparecem todas as palavras da língua. Mas há dicioná-

rios de 6 volumes, ou mais... Isso sem falarmos das enciclopédias, que têm volumes que não acabam mais...

Nesse sentido, cada língua é uma verdadeira floresta. Digamos que as palavras principais são as árvores. Imagine como é difícil, diante de uma floresta, conhecermos todas as suas árvores. Pois bem: agora imagine o camarada pôr-se a conhecer os galhos da floresta. Ou, mais ainda, as folhas!

Ora, o mesmo acontece com as palavras... Além das palavras fundamentais, que seriam as árvores, há outras, que podem não ser usadas todos os dias, mas que existem - estão por toda parte: nos livros, nos dicionários, nos documentos oficiais, nos relatórios, na boca dos mais velhos, nas conversas de bar, nas reuniões de família, na fala das pessoas que se acham cultas, nos hospitais, nas fábricas, nas ruas...

Se quiser fazer um exercício interessante e demorado, procure anotar no papel (é melhor ir buscar muitas folhas...) todas as palavras que conhece na língua portuguesa. Temos certeza de que logo vai desistir, porque são tantas, tantas, que não vale a pena.

E aí? O que fazer diante desse oceano de palavras? Como é que a criança vai conseguir aprender isso tudo? Vale a pena conhecer todas as palavras? Será que vamos conseguir usá-las todas?

Vamos por partes.

Primeiro, é preciso dizer que essa história de aprender palavras novas é uma coisa que só termina quando a nossa vida terminar. A cada dia, se quisermos, iremos sempre aprender pelo menos um vocábulo diferente. Por isso, nada de exageros. A criança vai aprender as palavras aos poucos, a começar pelas palavras essenciais para ela: são os vocábulos ligados à sua experiência concreta, ao seu dia-a-dia na escola.

Segundo: de nada nos serve decorar o dicionário. E de nada adianta dar listas de palavras aos nossos alunos, para que eles aprendam assim. Isso não facilita a comunicação com as pessoas; só irá complicar os contactos. Sabe porquê, não? Porque o importante é sabermos quando e como devemos usar as palavras.

As palavras não são chaves que abrem qualquer porta. Cada palavra é uma chave diferente, que abre uma porta diferente, que dá uma ideia diferente. Pensemos, por exemplo, num pacote de açúcar. Nesse pacote há milhares e milhares de grãos de açúcar. Para adoçarmos, por exemplo, o café, pouco importa se utilizamos os grãos que estão em cima ou aqueles que estão em baixo. Eles adoçam da mesma forma o café.

Já com as palavras isso não acontece. Não podemos empregá-las de qualquer maneira, em qualquer situação. Há palavras doces, para situações doces, afectivas. Há palavras amargas, para situações amargas. Palavras duras, para momentos duros. Para ideias simples, palavras simples.

Cada palavra tem um uso próprio, uma função diferente. Não há palavras iguais a outras. Quando falamos em sinónimos, queremos dizer que há palavras semelhantes. Mas não são iguais.

Não tenhamos ilusões: de nada nos vale tentarmos dizer às vezes palavras complicadas, estranhas, "difíceis", apenas para impressionar aquele que nos ouve. Dominar bem uma língua não significa ir buscar termos raros no dicionário. O importante é saber em que situações essas palavras devem ser usadas. Isso é que é difícil...

Mas ainda não dissemos o mais importante: as palavras não têm razão de ser sozinhas. Elas só nos interessam quando podemos combiná-las, juntá-las entre si, em frases que transmitam os nossos pensamentos, as nossas ideias.

Como vê, já entrámos no terceiro ponto. Mas antes de falarmos algo sobre ele, pense nisso: não acha fantástico que, com apenas 33 sons de base, se tenham criado tantas palavras? Essa é uma das conclusões que tiramos quando começamos a estudar a questão das línguas - graças a um trabalho colectivo, de muitas gerações, os homens conseguem construir com poucos sons uma infinidade de termos que comunicam o que se quer... E o mais interessante é que isso não pára: a cada dia aparecem palavras novas...

Vamos deixar o 3º ponto para a próxima carta? Acontece que esse ponto é um tanto longo, e esta carta acabaria por ficar imensa. Então, até à próxima...

A equipa.

Prezado colega:

Olhe para uma árvore qualquer. Ela forma um todo, não? Se observar bem, verá que esse todo é formado por partes, não é? Uma árvore não são apenas as folhas, nem somente galhos, nem apenas frutos. Há, por exemplo, as raízes, como todos nós sabemos. Quase não as vemos, mas elas estão lá: são elas que seguram a árvore à terra, são elas que buscam os alimentos de que a árvore necessita.

E o tronco? O que fariam os galhos sem o tronco? E o que faria o tronco sem as raízes?

Pois bem: as partes de uma árvores não são todas de um só tipo. Há várias partes, todas diferentes, cada uma com o seu papel, com a sua função.

Agora voltemos à questão da língua. Pense na língua portuguesa como uma grande árvore, feita de palavras. Da mesma forma que numa árvore, na língua as palavras não são todas do mesmo tipo. Não têm todas o mesmo papel.

Quando essas palavras, que são de tipos diferentes, são combinadas, aí é que a língua funciona. Aí aparecem as frases... (Para aqueles que fizeram a 1.ª etapa da Superação, seria interessante voltar a ler as Unidades nº 8 e 9 de Língua Portuguesa.)

Agora vejamos, rapidamente, quais são esses tipos diferentes de palavras. Observe as que vêm a seguir, apresentadas de qualquer maneira:

doze				ai
feio	cadeira	apenas	tu	língua
		os	falamos	portanto

Está claro que estamos a falar das diferentes classes gramaticais, não? Isso já é sabido, e não há maiores problemas. Essas classes gramaticais são 10, isto é:

- |                |             |                |
|----------------|-------------|----------------|
| • substantivos | • pronomes  | • preposições  |
| • adjectivos   | • numerais  | • conjunções   |
| • artigos      | • verbos    | • interjeições |
|                | • advérbios |                |

Ora, para se falar bem uma língua, é preciso conhecer palavras que pertençam a cada um desses tipos todos. Veja bem: não estamos a pensar nas definições. Queremos apenas dizer que uma criança precisa conhecer um certo número de palavras dentro de cada tipo.

Mas isto basta? Claro que não. Não se fazem frases só com substantivos, ou só com pronomes. Para que haja frases, é preciso saber combinar esses tipos entre si. Leia este exemplo:

Eu já falo duas línguas.

Nessa pequena frase, utilizámos 5 tipos de palavras: um pronome (eu), um advérbio (já), um verbo (falo), um numeral (duas) e um substantivo (línguas).

Agora vejamos isto:

Duas eu línguas falo já.

Usámos as mesmas palavras, mas o resultado soa mal, e é algo que em língua portuguesa não se diz. Por quê? Porque na língua portuguesa, como em qualquer outra língua, as palavras não podem ser dispostas de qualquer maneira. Há uma certa ordem. Qualquer pessoa que fale bem uma língua percebe isso e mantém essa ordem, mesmo quando não sabe exactamente as regras todas e porque a ordem é essa.

Já ouviu alguém dizer algo como: "Bebeu o a toda água cão" no lugar de "O cão bebeu a água toda"? Certamente que não...

Enfim, queremos mostrar que, para dizermos algo, fazemos frases, e essas frases são feitas de acordo com determinadas normas ou regras. É preciso, portanto, saber combinar as palavras para formar frases.

E a criança? Como é que ela vai conseguir aprender a fazer isso? Por onde começar? Bem, ela vai aprender isso aos poucos, sem o perceber. Mas é importante que você saiba o seguinte: para poder falar, é preciso que a criança adquira uma certa base. Essa base é como os alicerces de uma casa. Sem essa base, a casa não se aguenta.

Ora, na língua portuguesa, podemos resumir essa história de base se dizendo que são 8 os esquemas básicos de frase que uma pessoa pre-

cisa dominar. Veja os exemplos que damos para cada um desses esquemas:

- 1º) Eu danço.  
Meu pai dormiu.  
Ele e ela saíram.
- 2º) Pedro varre o chão.  
Você viu o homem?  
Eles comeram o pão.
- 3º) O filho acredita no pai.  
José pensa no futuro.  
Ela respondeu ao irmão..
- 4º) O professor deu o lápis ao miúdo.  
Meu pai emprestou o martelo ao vizinho.  
Você disse asneiras ao chefe?
- 5º) Eu sou angolano.  
Este relógio é caro.  
As carteiras são de madeira.
- 6º) A sala está cheia.  
O quarto está sem luz.  
Este miúdo está crescido!
- 7º) Amanheceu afinal.  
Chove há dois dias.  
Trovejou muito ontem.
- 8º) Eis o gatuno!  
Há alguma dúvida?  
Eis o problema!

Percebeu os esquemas de frases que há por detrás desses exemplos? Vamos ajudá-lo. Preste atenção, por exemplo, nos verbos de cada frase. A partir daí, vejamos, esquema por esquema:

No primeiro esquema de frase que apresentamos, os verbos não precisam de complemento nenhum. Se nós dissermos "Meu pai dormiu.", não há necessidade de se perguntar "dormiu o quê?". Dormiu, e pronto! Lembra-se como se chamam esses verbos? Isso, são verbos intransitivos. Eles não precisam de nenhum complemento, correcto?

Já no segundo esquema de frase, o verbo pede um complemento. Releia os exemplos da página anterior (2º esquema) e pergunte:

"Pedro varreu... o quê? ... o chão."

"Você viu... o quê? (ou quem?) ... o homem."

"Eles comeram... o quê? ... o pão."

Por isso dizemos que esses verbos varrer, ver, comer são nesses casos verbos transitivos que pedem complemento directo. (Se você fez a Superação, está lembrado do que viu na Unidade nº 15. Lá se falava exactamente do complemento directo.)

Pois é... Ainda estamos no segundo esquema de frase e, no entanto, esta carta já está enorme. Quer uma sugestão? Faça uma pausa, descanse alguns minutos. Procure, por exemplo, fechar os olhos e não pensar em nada. Deixe apenas os ouvidos a trabalhar, sem fazer esforço algum.

Ou, se preferir, tente fixar os olhos sobre qualquer coisa. Olhe para uma cadeira, por exemplo, e deixe que os seus olhos explorem essa cadeira: a cor, a forma, o tamanho, os desenhos da madeira, etc.

Se estiver perto de uma porta ou de uma janela, passeie com os olhos por aí fora, sem fazer maior esforço. Quando sentir que já está descansado, volte a esta carta...

Podemos continuar?

Volte agora a rever os exemplos que demos para os 8 esquemas básicos de frases na língua portuguesa. Releia, a seguir, o que dissemos sobre o primeiro e o segundo esquemas. E passemos ao terceiro:

Quanto ao terceiro esquema, perguntemos:

- O filho acredita em quem? (no pai)
- José pensa em quê? (no futuro)
- Ela respondeu a quem? (ao irmão)

Quando fazemos esse tipo de pergunta, é sinal de que os verbos pedem... complemento indirecto. (Está lembrado? Na Unidade nº 16 de Língua Portuguesa já estudámos isso, não?) São verbos que têm necessidade de uma preposição, correcto?

Observe agora o quarto esquema de frase:

- O professor deu o quê a quem? (o lápis ao miúdo)
- Meu pai emprestou o quê a quem? (o martelo ao vizinho)
- Você disse o quê a quem? (asneiras ao chefe?)

Repare que esses verbos pedem dois complementos: um directo e um indirecto. Aliás, no fundo, esse quarto esquema é uma espécie de combinação do segundo e do terceiro esquemas.

Já o quinto esquema envolve o verbo ser e os verbos parecidos com o verbo ser (parecer, continuar, etc.). Aí é que entra a história do predicativo do sujeito, correcto? (Esta matéria foi dada na Unidade nº 22 de Língua Portuguesa. Se você participou da 1.ª etapa da Superação, e ainda possui essa Unidade, talvez valha a pena revê-la.)

O sexto esquema é bastante parecido com o quinto, mas refere-se a frases construídas com o verbo estar.

Falta-nos ainda ver o sétimo e o oitavo esquemas de frases básicas:

- no sétimo, entram as frases formadas com verbos como chover, trovejar, amanhecer, relampejar, etc. Esses verbos indicam factos, fenómenos da natureza. Não é uma pessoa que pratica essas acções. Por isso dizemos que são verbos impessoais, está claro?

- no oitavo esquema, finalmente, entram as frases onde aparece sempre uma palavra como eis, há, em que se apresenta alguma coisa ou alguém:

- Eis o prato!
- Há alguém aí... etc.

Ufa! Vamos parar por aqui. Até à próxima carta.

A equipa.

Caro professor:

Achou difícil a última carta? Ela acabou ficando longa, não? Mas, se tiver dúvidas, procure relê-la lentamente, frase por frase, pensando bem no que diz cada uma antes de passar para a frase seguinte.

O essencial naquela carta é que o camarada perceba:

- a) que as palavras da língua portuguesa estão divididas em 10 (dez) tipos (ou classes) diferentes - é preciso que a criança vá aprendendo palavras desses tipos todos, lentamente, progressivamente;
- b) que há basicamente 8 (oito) esquemas de frases na língua portuguesa - também aí, é necessário que os alunos assimilem, ou seja, aprendam esses tipos todos.

Vamos insistir mais uma vez: no caso dos miúdos, não se trata de ensinar-lhes o que é adjectivo ou o que é complemento directo. Primeiro eles aprenderão a usar as palavras e a formar frases mesmo sem conhecer essas definições. Estas virão bem mais tarde, quando a criança já dominar bem a língua, oralmente e por escrito. Enquanto a criança aprende, o professor é que tem de observar tudo isso.

Nestas cartas não poderemos, infelizmente, entrar em todos os detalhes. Queremos somente que o camarada perceba que a criança deve dominar um certo número de palavras de cada tipo e os esquemas mais simples de frases. Tudo isso, é sempre bom insistir, precisa ser ensinado a partir de situações concretas.

Agora observe uma coisa: reparou que, ao falarmos dessas frases de base, desses oito esquemas, dessas oito estruturas simples, estamos a falar de períodos simples?

Os períodos simples são a base de todas as frases. Se nós não formos capazes de falar nem com períodos simples, também não seremos capazes de construir períodos compostos. Vejam bem este exemplo:

Meu pai saiu e não voltou.

É um período composto por coordenação, correcto? Isso, aliás,

não deve ser novidade, para aqueles que estudaram a Unidade nº 12 de Língua Portuguesa. É o seu caso?

Pois bem. No fundo, na base, esse período composto é apenas a combinação de dois períodos simples, isto é:

Meu pai saiu (mais) meu pai não voltou.

Enquanto um miúdo não for capaz de construir esses períodos simples, é impossível querer que ele construa um período composto.

Bem. Podemos avançar?

Então leia agora essas quatro frases:

- 1) Ele sai de casa às 6 horas da manhã.
- 2) Ele sai de casa às 6 horas da manhã?
- 3) Ele sai de casa às 6 horas da manhã!
- 4) Saia de casa às 6 horas da manhã!

Será que essas frases são todas do mesmo tipo? Observe a pontuação, por exemplo. Tente ler agora em voz alta cada uma delas. Repare que não poderá pronunciar todas as frases com a mesma entoação de voz. Percebeu o que queremos dizer?

Neste caso, dizemos que uma criança está a falar bem a língua portuguesa quando ela consegue dizer as frases com as entoações adequadas, conforme o tipo de cada frase.

Esses tipos são 4. (Para quem fez a Superação: Unidade nº 9) Mas vejamos, resumidamente, quais são eles. Observe os exemplos abaixo:

- a) Ele sai de casa às 6 horas da manhã.

O povo trabalhava no algodão.

Nessas duas frases, o tom é de quem informa algo; é de quem faz uma declaração sobre "Ele" e sobre "O povo", não? Pois bem: a esse tipo de frase chamamos de declarativo. Ao final das 2 frases, a voz sempre desce, já reparou?

b) Ele sai de casa às 6 horas da manhã?

O povo trabalhava no algodão?

E agora? Está claro que se está a fazer uma pergunta, não? Num tom interrogativo, correcto? Pois este é o tipo dessas duas frases: interrogativo. Observe, aliás, que nessas frases a voz sobe de tom ao final, ao contrário do que acontece com as frases declarativas.

c) Ele sai de casa às seis horas da manhã!

O povo trabalhava no algodão!

O ponto de exclamação que vai ao final dessas duas frases já nos dá o nome desse tipo: exclamativo. Graças a esse tipo de frase manifestamos aos outros a nossa admiração, a nossa surpresa, os nossos sentimentos e emoções.

d) Saia de casa às 6 horas da manhã!

Trabalhe no algodão!

Quando dizemos frases desse tipo, é porque queremos dar ordens ou conselhos, queremos que alguém faça a nossa vontade, os nossos desejos. É por isso que o nosso tom de voz ganha um ar imperativo. Esse é, aliás, o nome desse tipo de frase.

Portanto, são 4 os tipos essenciais e obrigatórios para aqueles que formam frases em língua portuguesa: o declarativo, o interrogativo, o exclamativo e o imperativo.

Mas esses não são os únicos tipos que há. Há outros, secundários, mas também bastante importantes. Eles nunca aparecem sozinhos. Vêm sempre acompanhados dos 4 tipos essenciais, fazendo combinações com eles. Quer conhecê-los? Vejamos então:

1) O primeiro é o negativo. Podemos utilizar a negação para qualquer um dos 4 tipos essenciais, não? Por exemplo:

O povo não trabalhava no algodão? (Ou)

Não trabalhe no algodão! etc.

2) O segundo é o enfático. Ele é usado quando nós queremos dar ênfase, ou seja, reforçar aquilo que se diz, quer quando se declara

ou se pergunta, quer quando se exclama ou se ordena. Quer exemplos?

Ele é que sai de casa às 6 horas da manhã.

É o povo que trabalhava no algodão? etc.

3) O terceiro tipo é o passivo. Tomemos como exemplo essas duas frases:

a) Os soldados cercaram os inimigos.

b) Ela abriu as três latas?

Se usarmos o tipo passivo, teremos:

a) Os inimigos foram cercados pelos soldados.

b) As três latas foram abertas por ela?

Observe que essas duas últimas frases continuam sendo: uma do tipo declarativo, outra do tipo interrogativo. Mas agora são também do tipo passivo.

O que fizemos foi a combinação de dois tipos: um tipo essencial combinado com um tipo secundário, correcto? Aliás, você pode fazer essas combinações todas entre os diferentes tipos de frase. Se fizermos as contas, teremos: são 4 tipos essenciais combinados com 3 tipos secundários. Resultado: doze tipos de frases. Quer ver?

- 1) frases declarativas negativas (Exemplo: Eu não saio daqui.)
- 2) frases declarativas enfáticas (Hoje, eu é que vou ao cinema.)
- 3) frases declarativas passivas (Fui picado por uma abelha.)
- 4) frases interrogativas negativas (Você não vai ao trabalho?)
- 5) frases interrogativas enfáticas (Você é que vai pagar?)
- 6) frases interrogativas passivas (Foste baleado por alguém?)
- 7) frases exclamativas negativas (Aquele homem não sai dali!)
- 8) frases exclamativas enfáticas (Aquilo é que é vida!)
- 9) frases exclamativas passivas (João foi atingido por uma bala!)
- 10) frases imperativas negativas (Não faça isso!)
- 11) frases imperativas enfáticas (Saia mas é daqui já!)
- 12) frases imperativas passivas. (Seja anado por todos!, é o meu desejo sincero.)

Bem. Esses são os doze tipos que podem surgir quando combinamos os tipos essenciais de frases com os tipos secundários. Será que

Você encontra mais exemplos para cada um desses tipos combinados? Experimente.

De qualquer forma, se achar difícil encontrar, de imediato, exemplos para todos esses tipos, não fique preocupado. Os exemplos surgirão com o tempo. Basta prestar atenção ao que se diz no dia-a-dia, procurando analisar as frases que ouvimos. Você acabará por descobrir exemplos para cada tipo.

Vamos parar por aqui. Esta carta já está meio pesada. Por ora, procure pensar na ideia principal desta conversa que tivemos: as frases não são todas do mesmo tipo. Pelo tom de voz podemos reconhecer cada um dos 4 tipos essenciais. É importante que a criança ouça bastante e aprenda a transmitir o que quer no tom certo, de acordo com cada tipo de frase.

Está claro? Por hoje é só. Procure descansar um pouco. Em seguida, releia o que dissemos nesta carta. Isso o ajudará a fixar ainda melhor essas coisas todas. Até à próxima...

A equipa.

Camarada:

Sabe onde essa anedota se passou? Bem, não importa. O que interessa é que a anedota que vamos contar pode ter-se passado em qualquer lugar onde se fala a língua portuguesa.

Um dia, em plena sala de aula, o professor recebe a visita de três figuras importantes. Entra o director da escola, acompanhado do inspector e do delegado de ensino. Uma visita de surpresa.

Entraram e cumprimentaram o professor e os alunos. Já o professor não teve dúvidas: as três autoridades queriam ver como estavam sendo dadas as aulas; se os alunos estavam a aprender mesmo ou não; se o professor estava a ensinar direito aos seus alunos ou não.

Surge uma ideia, e o professor ordena a toda a classe:

- Copiem no caderno o texto que está no quadro preto.

Os alunos obedecem disciplinadamente e copiam.

Muito naturalmente, como se fosse ao acaso, o professor aponta para um dos seus melhores alunos e comanda:

- Quero ver a sua cópia.

Começa a ler o trabalho do aluno e, muito contrariado, logo exclama:

- Ó João, não é assim que se copêia!

- O verbo mal conjugado atinge logo os ouvidos do director, que não se contém:

- Mas, professor, não é assim que se corrêge...

Alarmado com o erro do director, o inspector volta-se discretamente e observa, nervoso:

- Senhor director, esse verbo não varêia!

Mais alarmado ainda que os demais, volta-se o delegado de ensino para o inspector e o director, e decide:

- Vamos embora antes que a coisa piorêia...

Consegue descobrir todos os erros cometidos nessa anedota curta? Se conseguir, vai perceber que há um verdadeiro festival de erros. Vamos apontar os principais:

- 1º) O professor diz, erradamente, "copêia", no lugar de "copia"
- 2º) O director escorrega e cai no erro ao usar "corrége" no lugar de "corrige";
- 3º) O inspector acompanha os demais no erro e solta um "varêia" em vez de "varia";
- 4º) Por último o delegado coroa magistralmente a sequência de erros ao usar "piorêia" no lugar de "piore".

O erro. É sobre ele que gostaríamos de conversar um pouco nesta carta. Todos nós cometemos erros: na vida, no trabalho, em casa, com os colegas, com os alunos. Erramos muito. Erramos tanto que há até um ditado, provavelmente inventado pelo povo romano há séculos atrás, que diz "Errar é humano. Perseverar no erro é diabólico." Isto é: todos nós erramos, é natural. O que não é natural é cairmos sempre no mesmo erro.

Pois bem: ao aprender uma língua nova, certamente a criança irá cometer erros. Esses erros, é claro, precisam de ser corrigidos. Mas, para corrigirmos um erro, temos primeiro de saber qual é a maneira certa, de acordo?

Aí é que está o problema: como é que nós sabemos que tal coisa é erro? Com base em quê nós consideramos o que é certo?

Não podemos responder a essas questões em duas linhas, porque essa história de erro é meio complicada. Por isso, vamos ter de dar primeiro umas voltas no assunto, antes de darmos uma resposta concreta. Procure seguir-nos com atenção e paciência. Verá que, depois dessa nossa conversa, a questão do erro vai ficar mais esclarecida.

No entanto, diante desse problema do erro algumas pessoas acham que a resposta é simples: erro é tudo aquilo que vai contra a gramática. Quem não respeitar as regras da gramática comete erro, pronto!

Nós, porém, achamos que não é bem assim. Sabe por quê?

Primeiro, porque estamos a falar ainda nos erros cometidos quando se fala, e não quando se escreve. Ora, as gramáticas tradicionalmente preocupam-se muito mais com o escrito do que com o oral. A\_

cha que o oral e o escrito são a mesma coisa?

Claro que não. Nós falamos de um jeito e escrevemos de outro. Primeiro vem a fala, depois vem a escrita. Já dissemos, é claro, que não se fala de qualquer maneira: o falar também tem as suas regras, as suas normas. Mas não são as mesmas regras que se usa quando se escreve. Por isso, não está certo querer impor a gramática da língua escrita sobre a língua falada.

Segundo: achamos que esse problema do erro não é apenas uma questão de gramática. É muito mais que isso. O que nos interessa, ao falarmos, é sabermos se conseguimos ou não comunicar o que queríamos. A pessoa que nos ouvia entendeu-nos? Fomos claros ao exprimirmos as nossas ideias? Isso é o mais importante.

Mas há outra coisa: todos nós falamos ou escrevemos sempre numa situação concreta qualquer, que pode variar bastante:

- ✕ conversamos em casa, com os nossos pais, com os nossos filhos, com os parentes e amigos que vêm visitar-nos;
- ✕ conversamos com a quitandeira no mercado, com o pescador, com o camponês;
- ✕ conversamos com o director da escola, com os nossos alunos, com os nossos colegas de trabalho;
- ✕ escrevemos cartas a parentes que estão longe, ao namorado ou à namorada que está a morar em outra cidade;
- ✕ escrevemos requerimentos aos nossos superiores hierárquicos, pedindo isso, expondo aquilo;
- ✕ mandamos telegramas, quando queremos comunicar algo importante;
- ✕ fazemos nossos planos de aula por escrito, etc.

Como vê, as situações que vivemos dia-a-dia são muito diferentes. Se observar bem, verá que não falamos exactamente da mesma maneira em todas elas: ora é o tom de voz que fica mais nervoso; ora escolhemos palavras mais "difíceis" para dizer certas coisas; dependendo de quem está perto, soltamos ou não palavrões, dizemos ou não certas "verdades".

Ninguém fala com a sua própria mãe como se falasse com um ministro; ninguém escreve à sua mulher (ou ao seu marido) como se faz num relatório; ninguém conta anedotas aos amigos da mesma maneira como falaria numa assebléia. Isso tudo é evidente, não?

Pois é isso: para cada situação, falamos de uma maneira diferente, num nível diferente. Mas que maneiras diferentes são essas, que níveis diferentes são esses?

Não é fácil responder a essa pergunta, mas vamos tentar. Vejamos pelo menos algumas dessas maneiras, alguns desses níveis. Vamos começar pelos mais próximos de nós, para chegarmos aos mais distantes:

- 1) observe como você fala quando está com os amigos, numa farra, enquanto bebem, por exemplo, uma cerveja. Repare a maneira de se falar quando estão apenas homens (ou apenas mulheres) numa conversa qualquer. Já observou que, nessas conversas, nessas situações, saem mais facilmente os palavrões, dizem-se palavras de gíria, de calão? O jeito de falar, nesses casos, é bem descontraído, sem grandes preocupações... Não se escolhem muito as palavras; elas saem facilmente, conforme nos vem à cabeça, não? Pois bem, para essas situações falamos num nível que podemos chamar de popular. Não é fácil dar exemplos, porque isso pode mudar de região para região, mas vamos arriscar:

- Aquilo que você deixaste, se demos com ele...

(ou seja: Aquilo que deixaste, comemos.)

- Fomos na casa do só Zé, batemos lá uma funjada...

(isto é: Fomos à casa do senhor Zé, comemos lá uma funjada)

- 2) Repare agora na sua maneira de falar quando está em família. Não é diferente? Em geral nós somos mais afectivos (será mesmo verdade?) quando falamos com os nossos pais, com os nossos filhos, irmãos ou parentes. Usamos até certas palavras que fazem parte dos costumes da casa. Os nomes de casa por exemplo. ("Ó Mingota, você não deve brincar na rua.", no lugar de "Ó Domingas, você não deve brincar na rua.")

Às vezes, utilizamos certas expressões que só são entendidas mesmo pelos que são da nossa família, já observou? Bem. A esse nível, chamamo-lo de nível familiar.

- 3) O camarada ouve rádio? Preste atenção à maneira como os locutores da rádio transmitem as notícias. Será que eles falam da mesma maneira que nós quando estamos numa festa? Observando bem, verá que não. Eles falam de uma forma diferente, sem palavrões, sem usar palavras de gíria, sem soltar expressões carinhosas. Eles expressam-se num nível de fala que nós chamamos de nível corrente, ou usual, ou ainda nível-padrão.

Que carta longa, essa, não? Pois se estiver cansado, pare um pouco. Descanse, porque ainda não terminamos. Ponha a memória a trabalhar e tente lembrar-se, por exemplo, da última festa em que esteve. Recorda-se com quem conversou? O quê disseram? Em que nível de fala? Lembra-se de alguma anedota engraçada que tenham contado? Acha que a anedota foi bem contada? Que nível de fala foi utilizado? Havia palavrões no meio dela? Expressões de gíria, de calão?

Bem, vamos prosseguir.

Acabámos de apresentar casos de 3 níveis diferentes de fala, de acordo com cada situação: o nível popular, o nível familiar e o nível corrente (ou padrão). Por enquanto, vamos ficar com apenas esses 3. Há outros, mas não queremos complicar mais o assunto. Por ora, é importante apenas que o camarada perceba uma coisa:

cada situação exige um nível diferente.

O indivíduo que não respeita esses níveis acaba muitas vezes por:

- ☒ passar por uma situação ridícula;
- ☒ ser chamado à atenção por alguém;
- ☒ ser mal visto pelos demais presentes;
- ☒ ter que calar-se;
- ☒ ficar a falar sozinho; etc.

Quer dizer: cada nível de fala tem as suas regras, tem a sua norma. Em cada situação, temos de saber a maneira adequada de nos ex-

pressarmos. Não podemos falar de qualquer maneira, em qualquer situação. Quando fazemos isso, estamos errados, caímos em erro. E, por isso, já não vamos conseguir aquilo que queríamos: comunicar sem problemas as nossas ideias.

Aí está uma ideia que talvez o ajude a definir o que é erro. Nesse sentido, dizemos que uma pessoa erra quando não sabe usar a língua no nível que a situação concreta exige.

Mas como saber qual é o nível certo para cada situação? É muito difícil responder, porque esse problema não é apenas uma questão de língua. Em geral, é na prática que se vê. É errando, também, que se aprende.

E com relação à criança e à escola, como é que ficamos? Bem, isso fica para a próxima carta, combinado?

A equipa.

Luanda, julho de 1981.

Camarada professor:

No meio de uma aula, levanta-se um aluno e diz qualquer coisa que sca mal aos nossos ouvidos. Imediatamente nós pensamos: é erro.

E aí, o quê fazer?

Primeira sugestão: calma! Antes de reagir, é preciso saber primeiro se o que ouvimos é mesmo aquilo que foi dito. Ouvimos bem? Para termos certeza, basta perguntarmos ao aluno algo como "O que foi que disse? Pode repetir? Não ouvi bem...", etc.

Ouçá bem o que o aluno vai responder. Se ele disser o que você pediu, e isso agora lhe parecer correcto, pode ter havido duas coisas:

- a) ou o camarada ouviu mal da primeira vez;
- b) ou o aluno cometeu apenas um engano ao falar da primeira vez e acertou na segunda. Nesse caso, não houve propriamente erro, mas apenas engano. Por quê? Porque o engano acontece por distração, por um descuido passageiro. O erro, não. Quando erramos, a nossa tendência é a de repetirmos sempre aquele erro nas mesmas situações, até que alguém nos mostre onde está o erro.

Pois bem. Pedimos que o aluno repita, ele repete, e nós confirmamos: é mesmo erro!

Segunda sugestão: A seguir, procure descobrir qual foi o tipo de erro cometido. Ora, se for falado, o erro em língua portuguesa pode ser de vários tipos. Os principais são:

- 1) erros de pronúncia, de entoação - o aluno diz "zogo" no lugar de "jogo"; o aluno faz uma pergunta num tom que mais parece uma resposta, etc.
- 2) erros de combinação de palavras (isto é, de sintaxe), os quais, por sua vez, podem ser de três espécies:

- a) erro de colocação das palavras numa frase: - o aluno que diz "eu tenho um azul carro" no lugar de "eu tenho um carro azul";
  - b) erro de regência das palavras - a criança que afirma: "a mamã gosta o papá" no lugar de "a mamã gosta do papá";
  - c) erro de concordância entre as palavras - se a criança disser "eu vou para o meu casa" no lugar de "eu vou para a minha casa", por exemplo;
- 3) erros de interpretação das palavras - quando o aluno troca o sentido das palavras, e começa a empregá-las num sentido que não é o delas. Exemplos: a criança que está na sala de aula e que diz: "quero trazer o meu caderno para casa" em vez de "quero levar o meu caderno para casa". Ou o aluno que diz "Bom dia!" de manhã, à tarde e à noite, indistintamente.
- 4) erros no uso das formas das palavras e das modificações que essas palavras sofrem - é o caso da criança que diz "eu sabo" em vez de "eu sei"; "ele trouxe o livro" no lugar de "ele trouxe o livro"; "comi dois pães" em vez de "comi dois pães", etc.

Terceira sugestão: depois de termos localizado o erro, e depois de sabermos qual foi o tipo de erro que a criança cometeu, temos de nos perguntar: por que razão o miúdo fez esse erro?

Os motivos de um erro também podem ser vários. Vejamos rapidamente quais são as principais razões:

- 1) problemas físicos - pode ser que a criança erre porque ouve mal, ou porque tem a língua "presa" (é o caso, por exemplo, das crianças que não conseguem pronunciar o "l", dizendo sempre o "r" ou o "i" no seu lugar), além de vários outros;
- 2) problemas mentais - talvez a criança não esteja com a cabeça a funcionar bem, tenha algum retardamento;

3) problemas de desconhecimento - pode ser que a criança erre porque ainda não saiba que tal palavra não se diz assim. A criança não sabe, por exemplo, que numa língua nem tudo é lógico. Quer ver um caso? ela ouve verbos como beber, comer, bater, etc. Ora, esses verbos, ao serem conjugados na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, fazem: eu bebo, eu como, eu bato. A conclusão lógica que a criança pode tirar, mesmo sem ter consciência, é a de que todos os verbos terminados em -er são conjugados da mesma maneira. Por isso talvez diga; eu sabo, eu fazo, eu dizo (no lugar de eu sei, eu faço, eu digo). Ela não sabe que há certos verbos que são irregulares, isto é, verbos que não seguem a mesma regra que a maioria. É por isso que ela erra.

4) problemas da sua língua materna - muitas vezes a criança diz certas coisas em português de um modo parecido com o que ela diria em sua língua materna. Se nessa língua, por exemplo, não existir o som "j", ela vai pronunciar as palavras em português com um som parecido com o "j", mas de acordo com a sua primeira língua. Aí sairá provavelmente o som "z": "eu zá vou" (em vez de "eu já vou"), "eu quero zogar" (no lugar de "eu quero jogar", etc. A esses erros, provocados por uma confusão feita com a língua materna, nós chamamos de interferências. É a língua materna da criança que interfere na maneira como ela fala a língua portuguesa, correcto?

Aliás, esse problema de interferência pode aparecer também quando já se fala uma outra língua, mesmo que ela não seja a língua materna da criança. Um exemplo? É o caso dos nossos compatriotas que estiveram muito tempo na República do Zaíre. As pessoas que lá estiveram ouviam muito a língua francesa. Com a volta para Angola, acabam por misturar um pouco de francês junto com a língua portuguesa, que só agora começam a falar.

5) problemas de hábito, de costume - Pode ser que a criança faça erros porque ela sempre falou dessa maneira e nunca foi corrigida. Acontece que nós, muitas vezes, ouvimos a criança a falar erradamente e não a corrigimos. Achamos engraçado, entendemos o que ela quis dizer, e deixamos ficar. Aí, é claro, a criança fixa o erro e continua nele. Uma coisa é certa: depois que o erro já se tornou um hábito, vai ser muito mais difícil corrigi-lo.

Pois bem. Depois de tudo o que dissemos, camarada professor, você poderá pensar que essa questão do erro é muito complicada, não? Pois é mesmo. Mas não temos outro caminho: para corrigirmos um erro, é preciso sabermos bem tudo isso:

- será que nós ouvimos bem?
- a criança está a errar ou apenas engancou-se?
- qual foi o tipo de erro que a criança cometeu?
- por que razão ela comete esse erro?

Depois disso é que estaremos em condições de atacar o problema do erro: como resolvê-lo? É o que veremos na nossa próxima carta...

A equipa.

N. B. (Note bem) - Como deve ter observado, tocámos no problema do erro apenas quando se fala. É claro que, quando se escreve, aparecem às vezes os mesmos tipos de erro: erros de combinação das palavras, erros de regência, de concordância, de interpretação no sentido das palavras, erros nas formas das palavras, etc.

Queremos apenas dizer que, ao escrevermos, aparecem erros que já apareceram quando falamos. Mas há outros erros que são típicos da escrita: os erros de ortografia (palavras mal escritas), os erros de pontuação, etc. Sobre esses erros da escrita, por enquanto, não diremos nada. É um problema mais avançado. Poderemos estudá-lo talvez numa outra ocasião...

Luanda, julho de 1981:

Prezado camarada:

Errar é humano, já dissemos. Por isso, é preciso ter paciência quando quisermos corrigir um erro. (Aliás, foi a primeira sugestão que lhe demos na nossa oitava carta, lembra-se?)

Se o camarada ficar nervoso com a criança que errou, se começar a gritar ou mesmo ameaçar bater-lhe, fique certo de uma coisa: isso não vai adiantar nada. A criança talvez fique com medo, talvez comece a chorar ou a gaguejar. Mas não vai corrigir o seu erro por causa disso.

Pelo contrário: isso só vai complicar ainda mais as coisas. Se ficarmos nervosos e começarmos a castigar as crianças que erram, só vamos conseguir uma coisa - as crianças vão começar a nos detestar e a detestar a língua portuguesa.

Por isso, quando a criança fizer um erro:

- 1º) não se altere; evite levantar mais a voz por causa disso; tenha calma, e procure primeiro fazer aquilo que lhe dissemos na carta anterior;
- 2º) em todo caso, logo a seguir ao erro diga à criança num tom normal a palavra certa ou a frase certa. Se, por exemplo, o miúdo tiver dito: "eu vou trazer o caderno para casa", responda: "Ah! tu vais levar o caderno para casa, não é?". Você pode até fazer uma pergunta que leve a criança a repetir correctamente o que você disse. Por exemplo, dizendo a ela: "Fulano, diga ao teu colega: o que é que tu vais fazer?"

Se o aluno voltar a repetir o mesmo erro, torne a dizer-lhe calmamente a frase correcta. Aproveite a oportunidade para dizer isso aos outros alunos, afirmando, por exemplo, algo como: "Vocês ouviram o que ele disse? Ele vai levar o caderno para casa. E vocês? Vocês também vão levar o

caderno para casa? Tu, por exemplo, ó João, o que é que vais levar para casa? O caderno? E o lápis? Tu também vais levar o lápis para casa? E tu, ó Francisca? etc. etc."

Resumindo: diante de um erro, é preciso dizer qual é o certo, e criar um pretexto qualquer para repetir várias vezes a palavra certa, a frase correcta.

Depois de ter ouvido várias vezes a maneira certa, provavelmente o aluno vai conseguir acertar também.

Mas sejamos um pouco pessimistas. Suponhamos que você já tenha feito isso tudo, já tenha repetido várias vezes, e o miúdo continua a errar. O quê fazer?

- 3º) não desanime e seja vigilante. Se o erro continuar, não o deixe em paz. Anote esse erro num papel com o nome do aluno (se tiver uma fichinha para cada aluno, melhor ainda) e o dia em que o aluno cometeu esse erro pela primeira vez. Isso é para que você não se esqueça.

Não é preciso anotar todos os erros, é claro. Basta apontar aqueles que você ache mais graves. Mas veja bem: não deixe de consultar essas anotações sempre, para poder orientar-se nas suas aulas. Com o passar do tempo, você já se lembrará dos erros todos e poderá aproveitar todas as situações que aparecerem, para corrigi-los.

Você verá também, depois de algum tempo, que há certos tipos de erros que aparecem mais vezes. Aos poucos, você mesmo descobrirá a melhor maneira de corrigi-los.

- 4º) importante: não se deixe nunca derrotar pelos erros dos seus alunos. Se o camarada desistir, esses erros vão continuar. Mais tarde, nos anos seguintes, vai ser muito difícil corrigi-los. O camarada, aliás, já deve ter tido alunos que vieram de classes anteriores já com certos erros, não? Já observou como é difícil corrigi-los?

Muito bem. Mas já estamos a imaginar alguns camaradas professores aí a pensar: "Falar é fácil. Eu queria ver o que esses gajos fariam se estivessem no meu lugar, na sala de aula!"

Podemos responder? Pois bem, os camaradas que pensam isso têm razão. No papel, tudo parece fácil. O difícil é na prática, na sala de aula. É verdade, nós também achamos isso.

Mas precisamos nos lembrar sempre dos nossos objectivos: queremos que a criança aprenda a falar a língua portuguesa, aprenda a exprimir as suas ideias nessa língua, de modo que as outras pessoas a percebam. Para isso, temos de ajudá-la a corrigir os seus erros. Afinal, é para isso que nós somos professores, não?

Portanto: guerra total, guerra permanente, contra os erros. Mas atenção: a guerra é contra os erros, e não contra as crianças!

Para vencer os erros, é preciso estudá-los, é preciso organizar-se.

Vamos sonhar um pouco? Se o camarada tivesse um gravador, as coisas seriam mais fáceis. Poderia mostrá-lo aos miúdos e acostumá-los a gravar as conversas em sala de aula. Nos casos de erro, poderia mostrar à criança a gravação do que foi dito e, a seguir, mostrar-lhe a maneira certa de falar.

Ao ouvir a sua própria voz e compará-la com a maneira certa, o miúdo talvez percebesse melhor o seu erro. Isso iria ajudá-lo.

Mas deixemos de sonhos! O camarada não tem gravador nem cassetes... por enquanto. Quem sabe, um dia...

Por enquanto, sejamos mais um pouco pessimistas: o camarada fez o que pôde, anotou os erros, repetiu inúmeras vezes em situações diferentes, ficou até rouco, e nada! O erro continua firme!

O quê fazer desta vez?

É o assunto da nossa próxima carta. Aguarde.

A equipa.

Luanda, julho de 1981.

Caro professor:

Chegamos, afinal, a um ponto difícil dentro do ensino de uma língua: é o momento em que o professor já tomou todos os cuidados possíveis para tentar corrigir o erro de um aluno, mas nada conseguiu. O erro continua lá, a nos desafiar, a nos desanimar.

Nesse caso, é bom respirar fundo e prepara-se para mergulhar no fundo do problema. Se o erro continua lá, e porque há algo que não vai bem.

É como a febre nas nossas crianças. O miúdo acorda com febre. Tentamos fazer baixar a febre com um comprimido, ou com um remédio caseiro. A febre não passa. Damos mais medicamentos. A febre não passa. Enquanto isso, passa o tempo e começamos a preocupar-nos. Há algo de errado. Será grave?

Pode ser que sim, pode ser que não. De qualquer forma, a criança não pode continuar muito tempo com febre. Aí começamos a pensar: terá ele comido alguma coisa, no dia anterior, que não lhe caiu bem? Será gripe? Será paludismo? Ou alguma infecção?

A febre é um sinal de alarma, um aviso de que algo não anda a correr bem. Pois bem: o erro é como a febre. Pode ser algo passageiro, pode ser algo mais sério. O quê fazer?

Nesse caso talvez seja melhor:

- a) voltar a estudar de novo o tipo de erro e as suas possíveis causas;
- b) analisar bem a maneira que o camarada está a utilizar para corrigir o erro; pode haver algo de errado aí...
- c) observar bem o comportamento da criança em tudo aquilo que ela faz. Por exemplo:
  - 1) é uma criança alegre, expansiva, comunicativa, ou, pelo contrário, parece estar sempre triste, retraída?
  - 2) dá-se bem com os seus colegas em geral? brinca com eles? tem amigos? ou anda sempre só?

- 3) tem reacções imprevistas constantemente? chora sem motivo evidente? foge da sala de aula sem explicações?
- 4) é frequentemente agressivo, violento, com o seu professor e com os seus colegas?
- 5) falta muito à escola? por quê?

Enfim: se o camarada achar que o miúdo está a fazer erros graves ao tentar falar a língua portuguesa, sem conseguir corrigi-los, procure estudar melhor o caso desse miúdo.

Tente conversar com os pais da criança. Procure informar-se um pouco melhor sobre a vida da criança fora da escola. Talvez apareça aí alguma ideia nova de como resolver o problema.

Percebeu qual é a nossa ideia? Achamos que, às vezes, o erro esconde outros problemas. Em outras palavras: a língua não é uma coisa isolada. Para se conseguir falar uma língua, há muitas coisas que podem ajudar ou perturbar. Um miúdo que tem muitos problemas pessoais terá provavelmente problemas também para aprender a falar uma segunda língua.

De qualquer maneira, se o erro continuar, não se sinta culpado. O camarada está a fazer o que pode, está a procurar analisar a situação, está com boa vontade. É não desanimar. Somos professores, não somos mágicos. É continuar o nosso trabalho, seguir em frente.

Se estamos a tentar resolver um problema, e não conseguimos, não podemos ficar ali parados diante dele. É seguir em frente, insistindo. Até conseguirmos. Conhece o ditado que diz: "água mole em pedra dura, tanto bate até que fura"?

Pois bem. Viu que falámos em febre no começo desta carta. Dissemos que, quando há febre, é sinal de que há algum problema, alguma doença. Ora, isso pode acontecer também com a língua.

Entre os que estão a aprender uma língua, também encontramos às vezes, certos problemas, certas "doenças". Que "doenças" são essas? Como descobri-las? Como tratá-las? É o que veremos na carta seguinte, está bem?

A equipa.

Luanda, julho de 1981.

Prezado professor:

Falemos agora um pouco sobre os alunos que têm realmente problemas, e que não conseguem aprender a falar o português normalmente. O quê fazer com esses alunos?

Primeiro - É preciso ver se esses alunos têm dificuldades apenas para aprender a língua portuguesa, ou se têm problemas também na sua língua materna.

Depois de ter conversado com os pais ou parentes da criança, e depois de ter observado bem o seu comportamento dentro e fora da sala de aula, certamente você encontrará uma resposta. Se a criança tiver problemas também na sua língua materna, aí talvez seja melhor deixar o ensino da língua portuguesa para mais tarde. Ensinar-lhe uma segunda língua antes que ela supere os problemas na sua língua materna só vai complicar-lhe a vida.

Segundo - Procure ainda verificar se a criança tem bons resultados nas outras matérias escolares. Se perceber que nas outras áreas também a criança não vai bem, será preciso resolver a questão de uma outra maneira. Aí talvez haja necessidade de se consultar outras pessoas: um médico, um professor especialista em crianças com problemas, etc.

Pode ser que na sua região as possibilidades de encaminhar as crianças sejam poucas, ou mesmo não existam. Mesmo assim, é importante que o camarada tenha consciência do problema. Se hoje não há condições, amanhã talvez já haja.

Terceiro - Em qualquer dos casos, pense sempre que a criança não tem culpa nenhuma disso. É inútil castigá-la, ficar nervoso com ela, ou mesmo deixá-la de parte, como se ela não existisse.

As crianças com problemas necessitam, ainda mais que as outras, de dedicação e de afecto. Mesmo que elas não aprendam grande coisa,

nós podemos pelo menos dar-lhes uma compensação: tratá-las com carinho. Isso só lhes fará bem.

Mas vamos avançar. Na carta anterior, falámos desses problemas como "doenças da fala". Vamos agora ver quais são as principais "doenças" ou perturbações que podem prejudicar a fala de uma criança.

Antes, porém, precisamos dizer-lhe uma coisa: não está certo nós classificarmos as crianças apenas em duas categorias, como se elas fossem ou "normais" ou "anormais", ou "sadias" ou "doentes". Na realidade, a questão é mais complicada do que isso. No caso da fala, há uma série de problemas, de "doenças", que vão desde os mais simples até aos mais graves. Vejamos, então, alguns deles:

1) a criança surda.

Esse é um caso que ilustra bem aquilo que acabámos de dizer. Há crianças que têm apenas uma surdez muito leve. Tão leve que muitas vezes nem os pais se dão conta disso. Além dessas, há já crianças que são parcialmente surdas. Se você as observar bem, logo perceberá isso. Frequentemente nós pensamos que certas crianças não aprendem por falta de inteligência, quando a verdade pode ser outra: elas não aprendem direito porque ouvem mal.

Mas há os casos mais sérios. Por exemplo, o das crianças que são surdas desde o nascimento e, por isso mesmo, são também mudas. E há outras que ficaram surdas por terem levado uma pancada forte na cabeça, por terem sofrido um acidente, etc.

De qualquer forma, uma criança que seja parcialmente ou totalmente surda dificilmente irá falar sem problemas. O melhor, no caso, é encaminhá-la ao médico. Enquanto isso não for possível, o que podemos fazer é colocá-la sentada bem na frente, na sala de aula, falar-mos o mais possível com ela, e termos muita paciência.

2) a criança muda.

Aí é preciso distinguir: há crianças que são mudas porque são surdas. Mas há aquelas que fisicamente ouvem muito bem e que, no en-

tanto, não falam. Ou falam muito pouco. (Também aí, o mutismo pode ser total ou parcial.)

Às vezes a criança é tímida: em casa, quando está com parentes ou pessoas conhecidas, ela fala normalmente. Quando está diante de pessoas menos conhecidas (na escola, por exemplo), cala-se. E aí? Bem, talvez isso seja passageiro. À medida que o tempo passar, ela se sentirá mais à vontade e começará aos poucos a falar normalmente.

Às vezes, porém, o tempo passa, e a criança continua muda. Nesse caso, o mais provável é que a criança tenha tido problemas em casa: talvez o pai beba demais e seja violento na família, com a mulher e com os filhos. Talvez a mãe esteja sempre nervosa e bata na criança por qualquer motivo. Talvez os pais sejam indiferentes à criança, e não lhe dêem nenhuma atenção, etc. Tudo isso pode levar a criança a "fechar-se".

Quando for assim, procure conversar com os pais e expor-lhes calmamente o problema da criança. Talvez eles procurem uma solução, e a criança volte a "abrir-se".

### 3) a criança que gagueja.

Isso é bastante comum. Mas é preciso dizer, antes de mais nada, que a gaguez que nos chama mais a atenção é aquela em que a pessoa repete várias vezes uma mesma sílaba, como, por exemplo: "Eu te-te-tenho um ca-ca-caderno."

Ora, esse é apenas um tipo de gaguez. Além desse há um outro, que se repara menos, mas que também é importante. É o caso das pessoas que estão a falar e páram de repente, deixando todos à espera, e continuam seguida, sem que nada tivesse acontecido. Quando essas paradas acontecem frequentemente, podemos dizer que essa pessoa é gaga. Só que se trata do segundo tipo de gaguez.

Mas por que é que uma criança gagueja? Certamente ela teve algum problema, em geral na família. Algo deve ter-lhe acontecido: separação dos pais, nascimento de um irmãozinho, mudança brusca de ambiente e até mesmo, às vezes, a própria entrada para a escola, etc.

É grave esse problema? Depende. Às vezes, isso passa com o tempo, e nunca mais reaparece. Outras vezes o problema desaparece mas volta mais tarde, por exemplo, na juventude, que é um período difícil na vida de qualquer pessoa. E há casos em que a pessoa continua gaga pela vida fora.

Mas, e aí? O quê devemos fazer quando temos alunos gagos?

- 1º) não admita que as outras crianças zombem da criança gaga. Isso só agravará a situação;
- 2º) evite dar conselhos à criança, do tipo "procura falar devagar, senão vais gaguejar", "faça um esforço pra não gaguejar", etc. Em geral, esses conselhos provocam o resultado inverso: aí é que a criança vai gaguejar mesmo. O melhor talvez seja não fazer comentário nenhum. Tenha paciência, deixe a criança falar no seu ritmo, trate-a normalmente;
- 3º) procure não dar tarefas que coloquem essa criança numa situação difícil. Por exemplo: chamar uma criança gaga ao quadro preto às vezes faz piorar a sua gaguez; ralar com essa criança diante das outras também pode levá-la a gaguejar ainda mais, etc.;
- 4º) faça regularmente (aliás, não só com as crianças gagas, mas com todos os alunos) uns exercícios de respiração, na base da brincadeira. Brinque com elas todas, por exemplo, de "chupar o ar" (aspirar) lentamente pelo nariz, e "soprar o ar" (expirar) também lentamente pela boca, várias vezes. Ou então, brinque com as crianças de encolher a barriga lentamente, para depois esticá-la, também devagar. Se isso for feito sempre, durante alguns minutos todos os dias, no início das aulas ou como pausa no meio de uma aula, esteja certo de que só fará bem às suas crianças, sejam elas gagas ou não. Vai fazer com que elas relaxem o corpo e falem melhor.

Em todo o caso, não se iluda muito: não é nada fácil tirar a gaguez duma criança. Se você tiver alguma ideia segura de como fazer, experimente. De qualquer forma, uma coisa é certa: se nós conseguirmos não fazer piorar o problema de gaguez da criança, já estaremos dando um grande passo.

#### 4) a criança que tem deformações físicas.

Um dos problemas que mais se destacam é o das crianças que têm uma deformação física na boca: é o chamado lábio leporino (também conhecido como lábio fendido, porque o lábio superior da criança tem uma fenda). Esse é um problema de nascença. Crianças assim precisam ser encaminhadas ao médico. Em geral elas são operadas e, depois de um bom trabalho de reeducação da fala, chegam a falar praticamente como as demais pessoas.

Há outras crianças que têm problemas no interior da boca, ou seja: têm o céu da boca (o palato) muito estreito. Isso leva a criança a falar "pelo nariz". Nesses casos, é preciso saber primeiro se conseguimos ou não entender o que a criança diz. Se ela for fanhosa demais, é melhor encaminhá-la a um especialista.

Há ainda casos de crianças que têm problemas de fala por causa dos dentes, que estão mal dispostos na boca. Também aí, é necessário saber se isso prejudica muito a fala da criança ou não. Se prejudicar, ela necessita de ser tratada por um cirurgião-dentista.

#### 5) a criança que tem problemas nervosos.

Às vezes nós notamos que certas crianças falam só palavras soltas, sem conseguir formar frases, e já estão na idade escolar. Apesar disso, parecem perceber aquilo que dizemos a elas, mesmo não sendo capazes de exprimir-se tão bem quanto entendem.

Ora, esses casos podem ser provocados por algum problema no sistema nervoso da criança. Esse problema pode fazer diminuir ou até mesmo desaparecer completamente a capacidade que a criança tem de falar.

Claro que, em relação às nossas crianças, é preciso ver isso em relação à sua língua materna também, e não apenas em relação à língua portuguesa. Por isso, se verificar que algum aluno seu tem dificuldades para formar frases apenas em português, não vá pensar logo que o problema é nervoso. Primeiro é necessário saber se isso acontece em relação à sua língua materna.

Em todo o caso, é bom acostumar-se a observar sempre bem os nossos alunos. O camarada certamente já viu miúdos a terem ataques nervosos, não? Crianças que sofrem, por exemplo, de epilepsia. Pois bem. Às vezes, antes de um ataque epiléptico já se pode notar que o ataque se aproxima. Quando estão a falar, essas crianças páram de repente, como se alguma coisa se tivesse "desligado" dentro delas, como se se tivessem esquecido de tudo. Pouco depois, vem o ataque.

Aliás, esses problemas nervosos podem ser causados por muitas doenças: meningites, tumores na cabeça; ou acidentes graves, etc.

Uma vez descobertos problemas desse tipo, o melhor mesmo a fazer é encaminhar o miúdo a alguém que entenda bem do assunto, a um médico especialista, por exemplo (também chamado de neurologista). Nesse sentido, nós, professores, não podemos fazer muito...

#### 6) a criança retardada.

Também aí, é preciso olhar o problema com cuidado. Nós sabemos, por exemplo, que cada criança tem uma maneira de ser diferente, um ritmo próprio. Quer ver? Experimente organizar uma corrida com os seus alunos. Verá logo que eles não chegarão todos ao mesmo tempo. E que nem todos correm da mesma maneira. Não podemos querer, por exemplo, que uma criança mais gorda e que tenha pernas mais curtas corra tanto quanto certas crianças magrinhas, de pernas longas, e que parecem "eléctricas"!

Essa diferença entre as crianças é absolutamente normal. Por que é que dizemos isso aqui? Porque há professores que pensam logo que uma criança mais lenta é retardada. É preciso ter muito cuidado com isso, porque não é sempre verdade.

Aliás, mesmo quando uma criança é retardada mental, isso não quer dizer que ela não possa aprender nada. Depende. Há retardamentos que são profundos e graves. Mas há também retardamentos mais leves. Ora, quando o caso não é muito sério, a criança poderá aprender a falar algumas coisas, mais simples. Pode não formar frases inteiras, mas se for ajudada, conseguirá exprimir-se, usando mesmo outros recursos: por gestos, pelas expressões do rosto, etc.

De qualquer forma, a educação de crianças com retardamento mental é um caso à parte. Para elas, deve haver professores especialmente treinados. O que nós podemos fazer é procurar observar bem as nossas crianças, ver se elas têm algum problema desse tipo, e encaminhá-las a um especialista. Ele irá confirmar ou não as nossas impressões.

Enquanto isso não puder ser feito, tenhamos paciência com essas crianças. Procuremos pelo menos não ficar nervosos com elas, não permitir que elas sejam gozadas pelas outras. Ou seja: se não pudermos fazer nada para melhorar, pelo menos procuremos não deixar piorar a situação delas.

Muito bem. Esta carta já está enorme, não? Vamos terminá-la? É claro que não conseguimos aqui falar de todos os problemas, de todas as doenças que atingem a fala das crianças. Mas apontamos alguns, os principais.

Isso talvez lhe sirva, digamos, para os primeiros socorros. Mas uma coisa é certa: as crianças que tem problemas assim dificilmente aprenderão uma segunda língua no mesmo ritmo que as outras. Talvez seja melhor, nesses casos, deixar para ensinar-lhes a língua portuguesa numa outra ocasião.

O quê fazer então com elas? Bem, aí será preciso pôr o problema aos que tratam da Educação Especial...

Por ora é só. Até à próxima carta que, aliás, será também a última.

A equipa.

Luanda, julho de 1981.

Camarada professor:

Gostaríamos de terminar esta série de cartas falando-lhe um pouco sobre a fabricação de redes. Isso mesmo, de redes. Redes de pesca, por exemplo. O camarada certamente já viu pescadores a fabricar as suas redes, não? Pois bem. Para isso, eles usam fios, que podem ser de algodão ou de plástico (náilon), de acordo com os seus costumes e as suas possibilidades de arranjar material. Esses fios vão sendo trançados e pouco a pouco acabam por formar uma rede.

Mas mesmo que nunca tenha visto um pescador a trançar a sua rede, de certeza conhece outros trabalhos, parecidos a esse. Por exemplo, as redes feitas com fios de arame, que depois serão usadas para se fazer cercados, galinheiros, etc.

E mesmo os povos que não fazem redes fazem coisas semelhantes: fabricam cestos, esteiras, tapetes, trançados com capim, ou com junco, sisal, corda, palha, etc. Logicamente, cada povo tem a sua maneira própria de trançar, de fazer os laços, de dar os pontos. E mesmo quando um povo aprende isso de algum outro, acaba sempre pôr modificar um pouco a maneira de fazer os trançados.

Aliás, mesmo dentro de um povo, há diferenças às vezes, conforme a região. Há até mesmo indivíduos que trançam de uma maneira muito pessoal, com um estilo próprio.

Muito bem. Estamos-lhe a falar sobre isso por uma razão muito simples. Pense agora na língua portuguesa como se ela fosse uma grande rede. Essa rede começou a ser trançada há muitos séculos atrás, em Portugal, isso já sabemos. Mas depois disso, nunca mais parou de ser trançada. Milhões e milhões de portugueses participaram desse trabalho, ajudando na evolução dessa rede. Vieram as viagens, fundaram-se as colónias portuguesas em outros continentes, e a rede da língua continuou a ser fabricada.

Nesses outros países, evidentemente, a maneira de se trançar essa rede (isto é, o modo de falar) foi-se modificando. Se você ouvir hoje um brasileiro a falar, por exemplo, verá que há bastante diferença entre a maneira como ele fala e a maneira de um lisboeta, não?

Da mesma forma, todo estrangeiro que passa por Angola percebe que o angolano fala a língua portuguesa de uma forma diferente da dos portugueses. A entoação, por exemplo, não é sempre a mesma. Há no nosso país muitas palavras que não existem no português de Portugal. Mesmo na construção de frases, o angolano às vezes as constrói de uma forma diferente.

Tudo isso é muito natural, e muito positivo. É sinal de que a língua portuguesa continua a evoluir, que ela não pára. Os povos que outrora eram colonizados pelos portugueses não falam exactamente como os portugueses, e isso é óptimo! No caso do nosso país, estamos aos poucos começando a adaptar a língua portuguesa à realidade local, à maneira do povo angolano. Para isso ajudam também as línguas nacionais, que oferecem palavras aos poucos aceites em língua portuguesa.

Agora observe uma coisa: já reparou que essas diferenças são maiores na fala do que na escrita? Pois bem: também isso é natural. A parte oral de uma língua evolui mais depressa do que a parte escrita. Mas uma coisa é certa: mesmo sendo mais lenta no nível escrito, essa evolução não pára, porque faz parte da vida.

De nada adiantaria nós defendermos a língua portuguesa de uma forma ingénua, afirmando que ela deve ser falada como falam os portugueses. É inútil. A língua continua a ser a mesma, mas a maneira de falar muda de acordo com a época e com a realidade de cada país.

Há aqueles que dizem que os povos outrora colonizados pelos portugueses estão a corromper a língua portuguesa. Pois bem. Não estamos a corromper coisa nenhuma. Estamos a mudá-la, a adaptá-la melhor à nossa realidade e às nossas necessidades de comunicação. Aliás a propósito dessa história de se corromper a língua portuguesa, havia um escritor brasileiro que tinha uma boa resposta para aqueles que acusam os povos de corromperem a língua portuguesa. Ele dizia, em tom

de brincadeira: "Pois é isso mesmo. Corrompamos o português da mesma forma que os portugueses corromperam o latim."

Pois bem. A língua portuguesa é uma espécie de rede enorme, com uma história muito comprida. Cada pessoa que fala essa língua contribui, mesmo sem o saber, na fabricação de mais um bocadinho dessa rede. Cada um de nós tem o seu papel, (mesmo que não seja um grande pa pel!) na história de uma língua. Através de cada um de nós é que a língua continua a existir.

No nosso país - já o dissemos várias vezes e achamos que nin guém põe isso em dúvida - a língua portuguesa é necessária. É a lín gua de comunicação entre todos os angolanos que falam línguas mater nas diferentes, não é isso?

Por isso mesmo, é necessário que as pessoas falem-na, que to dos saibam exprimir-se nela. Os que já falam devem praticá-la sempre, para poderem evoluir ainda mais no conhecimento dessa língua e pode rem comunicar ainda melhor as próprias ideias. Quanto aos que ainda não a falam, é necessário e urgente que comecem a aprender a língua portuguesa. Foi a partir dessas ideias que resolvemos escrever-lhe es ta série de cartas. Achámos que elas poderiam ajudá-lo no seu traba lho de ensinar às crianças essa língua, que é nova para a maioria delas.

Queremos que as crianças de Angola sejam bilingues: que falem bem a sua língua materna, e que aprendam o mais cedo e o melhor possí vel a língua portuguesa como segunda língua. Dessa forma, também os seus alunos contribuirão para que a rede da língua portuguesa continue a ser trançada.

Mas achamos também, por outro lado, que a língua portuguesa no nosso país não é exactamente a mesma que é falada em Portugal. Não é e nem deve ser. Aliás, a tendência será cada vez mais a de uma língua portuguesa à maneira angolana, temos certeza disso. Mas deixemos isso para o futuro: ele dirá se temos ou não temos razão.

A equipa.